



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO DE PSICOLOGIA

**A RELAÇÃO *MÃE-E-FILHO* E A INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA
SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL**

FERNANDA CASTRO

Brasília-DF

Junho/2005

Fernanda Castro

**A RELAÇÃO *MÃE-E-FILHO* E A INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA
SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL**

Um estudo de Caso

Monografia apresentada como
requisito para a conclusão do curso
de Psicologia do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília.
Professor Orientador: Luís
Fernando González Rey.

Brasília-DF, Junho de 2005.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia ao meu querido filho Eduardo, por ter sido a fonte inspiradora de meu tema. Ao Ismar, companheiro e revisor do texto final, por sua valiosa colaboração. Às minhas irmãs Magali, pelas dicas e revisão, e Lourdes, pelo tempo e cuidado dispensados ao Eduardo para que eu pudesse me dedicar a este projeto. À mãe entrevistada que, ao participar da pesquisa, tornou este trabalho viável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, força superior que me guia nos momentos de dificuldade. Ao meu amado filho Eduardo, alegria constante em minha vida. Ao querido Ismar, sempre companheiro e incentivador. A meu pai, por ter transmitido aos filhos valores como: honestidade, confiança e respeito ao semelhante. Às queridas irmãs, Rosângela, Magali, Paula, Irany e Lourdes, valiosas companheiras de jornada; por muitas vezes, “irmãs”. À minha querida e saudosa mãe, presente em todos os momentos. Aos meus irmãos, em especial ao Divino, pelo companheirismo e por ser a pessoa especial que agrega a família em torno de si, tornando-se um importante “elo” na nossa união. Aos amigos e queridos sobrinhos e sobrinhas, pelo carinho, apoio e compreensão quando não pude compartilhar de suas companhias para dedicar-me à realização deste sonho. Aos mestres, em especial ao Professor-Doutor Fernando González Rey, por ter acreditado em meu potencial, quando me encontrava desmotivada. Aos colegas de curso, pelas discussões acerca dos temas e pelas sugestões de bibliografia, em especial a Joana, pela imprescindível ajuda. Obrigada a todos.

EPÍGRAFE

“Não há nada pior do que não ter mãe sem ser órfão”

Sófocles

SUMÁRIO

Resumo.....	08
Introdução.....	09

CAPÍTULO TEÓRICO

Relação *mãe-e-filho* um processo no desenvolvimento infantil segundo as epistemologias *winnicottiana*, narratividade e subjetividade.

1- A relação <i>mãe-e-filho</i> e a influência no desenvolvimento individual.....	11
1. 2. O ambiente como facilitador do desenvolvimento infantil.....	13
1. 3. A identificação do bebê com sua mãe.....	15
1. 4. As fases da função materna.....	16
1. 5. A privação de cuidados maternos.....	18
1. 6. A interação mãe-bebê durante o período pré- natal.....	20
2. Narratividade entre o adulto e o bebê: base para o desenvolvimento infantil.....	21
3. Subjetividade social e individual como vias para a compreensão do sujeito.....	25
4. Representação social uma possível explicação.....	29
5. Método canguru como um meio facilitador ao desenvolvimento psíquico e afetivo do bebê.....	33
5. 1. A origem do método canguru.....	34
5. 2. Dados históricos no Brasil.....	35
6. Contextualização.....	36

CAPÍTULO METODOLÓGICO

Epistemologia Qualitativa uma alternativa para o rompimento com o paradigma positivista

1. O que é Epistemologia qualitativa	38
2. Cenário da pesquisa.....	41
3. Instrumentos.....	41 3.1.
Complemento de frases.....	42

3. 2. Conversação.....	43
4. Definição de sujeitos participantes.....	43
5. Desenvolvimento da construção da informação.....	44
5. 1. Indicadores.....	44
5. 2. Núcleos temáticos.....	45
5. 3. Construção da informação & levantamento de hipóteses.....	45

CAPÍTULO EMPÍRICO

Apresentando a construção da informação - Um estudo de caso.

1. Lógica configuracional.....	46
2. A legitimidade no curso da pesquisa.....	47
3. Apresentação do caso.....	48
4. Discussão dos resultados / Unidades de análise	49
4. 1. Núcleos temáticos.....	61
5. Configurações do cenário subjetivo do caso apresentado.....	63
6. Considerações finais.....	67
 Anexos.....	 69
Apêndices.....	75
Referências Bibliográficas.....	77

RESUMO

As teorias psicológicas no paradigma pós-moderno revelam um novo pensar e uma nova forma de compreensão do ser humano, não se limitando a explicações mecanicistas, simplificadoras e universais, características que balizaram o paradigma cartesiano. E, desta forma, um enfoque que considere a subjetividade de ser individual e único, o qual propicia ao pesquisador questionar-se a respeito das dicotomias objetivo / subjetivo, consciente / inconsciente, ou nos princípios de linearidade, causa e efeito. Nessa perspectiva a presente pesquisa qualitativa tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica a respeito de teorias que analisem a relação *mãe-e-filho*, tais como: *Winnicottiana*, Narratividade, Subjetividade, Representações Sociais, e o Método Canguru alicerçado numa reflexão crítica e coerente. O estudo dos aspectos subjetivos presentes no desenvolvimento da relação entre mães e seus filhos configura-se, também, como ponto importante a ser estudado no curso da pesquisa. A relevância deste estudo reside no pressuposto de que o nascimento do filho é um momento importante no ciclo de vida da mulher e do homem, com grandes repercussões no meio familiar. E, assim, é preciso compreender a subjetividade que permeia esse processo pelo qual passa a mãe e o filho.

Palavras-chave: subjetividade, pesquisa qualitativa, relação *mãe-e-filho*, subjetividade familiar, teoria *Winnicottiana*, Método Canguru, Representação Social.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que o nascimento de um filho é um momento importante no ciclo de vida da mulher, com grandes repercussões no meio familiar, pode-se inferir que este acontecimento é vivenciado de formas distintas, devido aos aspectos subjetivos que permeiam o ser humano. Este fato é, por vezes, vivenciado como uma alegria e realização de um sonho, ou até mesmo de completude, e, por outras, como algo de intenso sofrimento e provações na vida do casal ou até mesmo da mulher que se vê abandonada diante de um momento vital em sua vida. Portanto, faz-se necessário compreender a subjetividade intrínseca a esse processo pelo qual passa o casal e/ou a mulher. É necessário, também, estudar e compreender a relação afetiva que a mãe estabelece com seu filho durante a gestação e após o nascimento, o que permite que ele se desenvolva psíquica, emocional e socialmente de forma saudável. A compreensão acerca do desenvolvimento e das capacidades do bebê que esses pais estão gestando se relaciona com as expectativas por eles apresentadas com o nascimento da criança e configuram outra via de investigação no curso deste trabalho.

Outro questionamento levantado diz respeito aos casos de nascimento prematuro ou com baixo peso, pois pode ocorrer uma mudança no relacionamento dos pais com relação a esse bebê. Atualmente, a sobrevivência de bebês nascidos prematuramente está cada vez maior, devido ao avanço tecnológico e a novos métodos e técnicas utilizados para promover o desenvolvimento de tais bebês. Dentre estes novos métodos podemos destacar o método canguru, em que a mãe e o filho ficam em contato corpo a corpo, envoltos por uma faixa, o que propicia o estabelecimento de um vínculo afetivo entre ambos e a troca de calor humano para manter o bebê aquecido. Tal situação pode ser marcada por fortes emoções, conflitos e sentimentos, devendo-se enfatizar que, para a melhor compreensão dos aspectos subjetivos que colaboram para o desenvolvimento de bebês, é necessário pesquisar a qualidade da relação que estes pais estabelecem com seu filho e entre eles e suas respectivas famílias.

O desenvolvimento afetivo, intelectual e psíquico de crianças foi objeto de estudo em diversos campos e áreas de conhecimento, tais como a psicologia, a educação, a medicina, em diferentes linhas e abordagens metodológicas. Atualmente, diversas teorias contemplam o estudo da interação entre mãe e filho, por isso o bebê não é visto como um lactente que apenas come e dorme, sem interagir com os adultos que o cercam. Sabe-se que os nenéns podem iniciar e controlar (em partes) a sua interação com outros.



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO DE PSICOLOGIA

**A RELAÇÃO *MÃE-E-FILHO* E A INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA
SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL**

FERNANDA CASTRO

Brasília-DF

Junho/2005

Fernanda Castro

**A RELAÇÃO *MÃE-E-FILHO* E A INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA
SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL
Um estudo de Caso**

Monografia apresentada como
requisito para a conclusão do
curso de Psicologia do
UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília.
Professor Orientador: Luís
Fernando González Rey.

Brasília-DF, Junho de 2005.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia ao meu querido filho Eduardo, por ter sido a fonte inspiradora de meu tema. Ao Ismar, companheiro e revisor do texto final, por sua valiosa colaboração. Às minhas irmãs Magali, pelas dicas e revisão, e Lourdes, pelo tempo e cuidado dispensados ao Eduardo para que eu pudesse me dedicar a este projeto. À mãe entrevistada que, ao participar da pesquisa, tornou este trabalho viável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, força superior que me guia nos momentos de dificuldade. Ao meu amado filho Eduardo, alegria constante em minha vida. Ao querido Ismar, sempre companheiro e incentivador. A meu pai, por ter transmitido aos filhos valores como: honestidade, confiança e respeito ao semelhante. Às queridas irmãs, Rosângela, Magali, Paula, Irany e Lourdes, valiosas companheiras de jornada; por muitas vezes, “irmãs”. À minha querida e saudosa mãe, presente em todos os momentos. Aos meus irmãos, em especial ao Divino, pelo companheirismo e por ser a pessoa especial que agrega a família em torno de si, tornando-se um importante “elo” na nossa união. Aos amigos e queridos sobrinhos e sobrinhas, pelo carinho, apoio e compreensão quando não pude compartilhar de suas companhias para dedicar-me à realização deste sonho. Aos mestres, em especial ao Professor-Doutor Fernando González Rey, por ter acreditado em meu potencial, quando me encontrava desmotivada. Aos colegas de curso, pelas discussões acerca dos temas e pelas sugestões de bibliografia, em especial a Joana, pela imprescindível ajuda. Obrigada a todos.

EPIÍGRAFE

“Não há nada pior do que não ter mãe sem ser órfão”

Sófocles

SUMÁRIO

Resumo.....	08
Introdução.....	09

CAPÍTULO TEÓRICO

Relação *mãe-e-filho* um processo no desenvolvimento infantil segundo as epistemologias *winnicottiana*, narratividade e subjetividade.

1- A relação <i>mãe-e-filho</i> e a influência no desenvolvimento individual.....	11
1. 2. O ambiente como facilitador do desenvolvimento infantil.....	13
1. 3. A identificação do bebê com sua mãe.....	15
1. 4. As fases da função materna.....	16
1. 5. A privação de cuidados maternos.....	18
1. 6. A interação mãe-bebê durante o período pré- natal.....	20
2. Narratividade entre o adulto e o bebê: base para o desenvolvimento infantil.....	21
3. Subjetividade social e individual como vias para a compreensão do sujeito.....	25
4. Representação social uma possível explicação.....	29
5. Método canguru como um meio facilitador ao desenvolvimento psíquico e afetivo do bebê.....	33
5. 1. A origem do método canguru.....	34
5. 2. Dados históricos no Brasil.....	35
6. Contextualização.....	36

CAPÍTULO METODOLÓGICO

Epistemologia Qualitativa uma alternativa para o rompimento com o paradigma positivista

1. O que é Epistemologia qualitativa	38
2. Cenário da pesquisa.....	41
3. Instrumentos.....	41
3.1. Complemento de frases.....	42

3. 2. Conversação.....	43
4. Definição de sujeitos participantes.....	43
5. Desenvolvimento da construção da informação.....	44
5. 1. Indicadores.....	44
5. 2. Núcleos temáticos.....	45
5. 3. Construção da informação & levantamento de hipóteses.....	45

CAPÍTULO EMPÍRICO

Apresentando a construção da informação - Um estudo de caso.

1. Lógica configuracional.....	46
2. A legitimidade no curso da pesquisa.....	47
3. Apresentação do caso.....	48
4. Discussão dos resultados / Unidades de análise	49
4. 1. Núcleos temáticos.....	61
5. Configurações do cenário subjetivo do caso apresentado.....	63
6. Considerações finais.....	67
Anexos.....	69
Apêndices.....	75
Referências Bibliográficas.....	77

RESUMO

As teorias psicológicas no paradigma pós-moderno revelam um novo pensar e uma nova forma de compreensão do ser humano, não se limitando a explicações mecanicistas, simplificadoras e universais, características que balizaram o paradigma cartesiano. E, desta forma, um enfoque que considere a subjetividade de ser individual e único, o qual propicia ao pesquisador questionar-se a respeito das dicotomias objetivo / subjetivo, consciente / inconsciente, ou nos princípios de linearidade, causa e efeito. Nessa perspectiva a presente pesquisa qualitativa tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica a respeito de teorias que analisem a relação *mãe-e-filho*, tais como: *Winnicottiana*, Narratividade, Subjetividade, Representações Sociais, e o Método Canguru alicerçado numa reflexão crítica e coerente. O estudo dos aspectos subjetivos presentes no desenvolvimento da relação entre mães e seus filhos configura-se, também, como ponto importante a ser estudado no curso da pesquisa. A relevância deste estudo reside no pressuposto de que o nascimento do filho é um momento importante no ciclo de vida da mulher e do homem, com grandes repercussões no meio familiar. E, assim, é preciso compreender a subjetividade que permeia esse processo pelo qual passa a mãe e o filho.

Palavras-chave: subjetividade, pesquisa qualitativa, relação *mãe-e-filho*, subjetividade familiar, teoria *Winnicottiana*, Método Canguru, Representação Social.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que o nascimento de um filho é um momento importante no ciclo de vida da mulher, com grandes repercussões no meio familiar, pode-se inferir que este acontecimento é vivenciado de formas distintas, devido aos aspectos subjetivos que permeiam o ser humano. Este fato é, por vezes, vivenciado como uma alegria e realização de um sonho, ou até mesmo de completude, e, por outras, como algo de intenso sofrimento e provações na vida do casal ou até mesmo da mulher que se vê abandonada diante de um momento vital em sua vida. Portanto, faz-se necessário compreender a subjetividade intrínseca a esse processo pelo qual passa o casal e/ou a mulher. É necessário, também, estudar e compreender a relação afetiva que a mãe estabelece com seu filho durante a gestação e após o nascimento, o que permite que ele se desenvolva psíquica, emocional e socialmente de forma saudável. A compreensão acerca do desenvolvimento e das capacidades do bebê que esses pais estão gestando se relaciona com as expectativas por eles apresentadas com o nascimento da criança e configuram outra via de investigação no curso deste trabalho.

Outro questionamento levantado diz respeito aos casos de nascimento prematuro ou com baixo peso, pois pode ocorrer uma mudança no relacionamento dos pais com relação a esse bebê. Atualmente, a sobrevivência de bebês nascidos prematuramente está cada vez maior, devido ao avanço tecnológico e a novos métodos e técnicas utilizados para promover o desenvolvimento de tais bebês. Dentre estes novos métodos podemos destacar o método canguru, em que a mãe e o filho ficam em contato corpo a corpo, envoltos por uma faixa, o que propicia o estabelecimento de um vínculo afetivo entre ambos e a troca de calor humano para manter o bebê aquecido. Tal situação pode ser marcada por fortes emoções, conflitos e sentimentos, devendo-se enfatizar que, para a melhor compreensão dos aspectos subjetivos que colaboram para o desenvolvimento de bebês, é necessário pesquisar a qualidade da relação que estes pais estabelecem com seu filho e entre eles e suas respectivas famílias.

O desenvolvimento afetivo, intelectual e psíquico de crianças foi objeto de estudo em diversos campos e áreas de conhecimento, tais como a psicologia, a educação, a medicina, em diferentes linhas e abordagens metodológicas. Atualmente, diversas teorias contemplam o estudo da interação entre mãe e filho, por isso o bebê não é visto como um lactente que apenas come e dorme, sem interagir com os adultos que o cercam. Sabe-se que os nenéns podem iniciar e controlar (em partes) a sua interação com outros.

Os motivos que conduziram a autora da presente pesquisa à escolha do tema partiram de sua vivência no período de gestação e nascimento de seu filho. Nesse período, num hospital privado e num hospital público desta cidade, conviveu com mães de filhos prematuros e foi possível identificar sofrimento e constatar que fatores subjetivos na relação entre mãe e filho colaboravam para o desenvolvimento mais rápido dessas crianças.

No pós-parto, a sensação de desamparo, de estar perdida sem saber que rumo tomar, está sempre presente, sentimentos esses que podem fazer parte da rotina da mãe e influenciar na qualidade do vínculo estabelecido entre os dois. A subjetividade, aliada ao desejo de cada mulher em tornar-se mãe, influencia o curso das “saídas” encontradas por cada pessoa para superar os possíveis obstáculos e trilhar o caminho do conhecimento, identificação e individuação entre mãe e filho. Existem, ainda, outros fatores que influenciam mãe e filho neste período de adaptação, que são as alterações hormonais abruptas, as feridas no seio que dificultam a amamentação, a não-identificação da mãe com o corpo devido às alterações no período da gravidez, os comentários e as interferências de familiares que influenciam no relacionamento *mãe-e-filho*. Mas, este cenário pode ser influenciado devido a uma rede de apoio familiar e ao amor incondicional e entrega da mãe para o filho. A compreensão e o amor podem gerar segurança e necessidade de superação das fraquezas para a construção de um novo ser, de um sujeito em toda sua essência.

No capítulo 1 será realizada uma revisão bibliográfica acerca da relação *mãe-e-filho*. Destacaremos a tese de Winnicott com a tentativa de fazer correlações com teorias mais recentes, como a da Narratividade de Bernard Golse, da Subjetividade Individual e Social, como vias produtoras de sentido subjetivo para a compreensão do sujeito. Por fim, o Método Canguru, por ser uma tecnologia inovadora e humanizadora de Unidades de Tratamento Neonatais é analisado como um meio de estreitar e facilitar os laços entre mães e filhos prematuros. As Representações Sociais representam ainda outra área de interesse a ser estudada para se compreender aspectos subjetivos que permeiam a maternidade e como a família vivencia tal evento quando ocorrido antes do esperado.

No capítulo 2 serão apresentados os aspectos metodológicos, os quais compõem a referida pesquisa. Para a compreensão de tais aspectos, será necessário realizar uma revisão a respeito da Epistemologia Qualitativa. Será apresentado também um estudo dos instrumentos utilizados para a conclusão desta monografia.

O capítulo 3 representará o momento empírico deste estudo, onde serão apresentados um estudo de caso e as configurações subjetivas que o envolvem. Ou seja, serão apresentados os resultados da pesquisa, como meio de promover conhecimento.

CAPÍTULO TEÓRICO

RELAÇÃO MÃE-E-FILHO UM PROCESSO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL SEGUNDO AS EPISTEMOLOGIAS WINNICOTTIANA, NARRATIVIDADE E SUBJETIVIDADE.

1 - A RELAÇÃO MÃE-E-FILHO E A INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL

O desenvolvimento psíquico e emocional do bebê, por vezes, não acompanha o desenvolvimento de seu corpo físico. Por isso, o desenvolvimento de uma criança depende de outro ser humano que o segure e cuide com respeito, carinho, atenção, amor, os quais podem representar as bases para sua saúde mental.

A comunicação entre mãe e filho é um fator fundamental para o desenvolvimento da criança, e esta passa por emoções e sentimentos, naturalmente de conotação subjetiva. As emoções num momento de uma inter-relação são imprevisíveis, pois se encontram associadas às suas configurações subjetivas. Sob esse aspecto, cabe citar González Rey (2004, p. 84):

Na nossa opinião, as emoções representam um momento da qualidade do relacionamento entre os indivíduos e seu meio, e estão, comprometidas simultaneamente, com os processos de auto-organização da subjetividade. Isso nos leva a pensar nas emoções como processos que se expressam, de maneira simultânea, no âmbito intrapsíquico e interativo, em um plano subjetivo que não substitui o seu caráter biológico, mas que o integra em um novo nível.

Desta forma, a qualidade das emoções e sua significação para o desenvolvimento humano passam diretamente pelas vivências experimentadas pelo sujeito, interferindo diretamente nas interações presentes na sua vida do indivíduo, influenciando sua subjetividade. Portanto, o toque contém elementos fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, principalmente das crianças, desde a vida intra-uterina, proporcionando bem-estar físico, emocional e social.

É por intermédio de uma relação saudável que ocorre entre a mãe e o bebê, que se constitui a subjetividade individual, conforme Winnicott (1999), ao se referir ao desenvolvimento emocional-afetivo da criança. No primeiro ano de vida, o bebê mantém uma relação visceral com a mãe, onde ele a considera como extensão de seu próprio corpo, até acontecer à divisão do “não-eu” e do “eu” do bebê. Para que haja uma boa formação psíquica deste bebê, é preciso que esta mãe e o ambiente que lhe cerca sejam suficientemente bons, evitando assim “falhas” ou carências, que podem gerar grande ansiedade e, por sua vez, comprometer a constituição do seu Eu, ou seja, de sua subjetividade.

Encontramos ainda em Winnicott (1982) que, a mãe, ao tocar, manipular o bebê, aconchegá-lo, falar com ele, acaba promovendo um arranjo entre soma e psique e, principalmente ao olhá-lo, ela se oferece como espelho onde o bebê deve se ver. A forma como esta mãe olha o bebê (expressão facial) devolve a ele a sua imagem corporal, como forma de comunicação.

O cuidado materno constitui um conjunto de ações biopsicossocioambientais que possibilita ao bebê desenvolver-se de forma saudável. A mãe ou a figura materna, bem como toda a família, deve prover a criança de afeição, amor, atenção e cuidados do tipo: sono tranquilo, alimentação e higiene adequados, e outros. Cabe à mãe reconhecer e saber interpretar corretamente os sinais que o recém-nascido emite, para que assim promova a saúde e o bem-estar do bebê, contribuindo desta forma para um desenvolvimento sadio.

As crianças recém-nascidas vivem numa estranha realidade em que nada se distingue do não-eu, de modo que ainda não existe um Eu. Isso nos remete à idéia da construção da pessoa, um processo de estabelecimento de uma união entre o corpo e/ou funções corporais e sua psique que, por sua vez, é elaborada a partir dessas funções corporais. Por isso, a identificação com a mãe faz parte desse processo, pois para a criança não há o conhecimento de qualquer objeto externo a seu corpo. Por não existir ainda um self próprio do indivíduo ele retorna ao estado em que seu self potencial está fundido ao self da mãe, propiciando o desenvolvimento pleno do neonato.

Posteriormente a essa fase, existe a etapa da integração, onde o bebê se apresentará como uma unidade, embora seja uma unidade dependente. Essa integração surgirá à medida que o bebê faça parte de um ambiente com características humanas e pessoais de aceitação e comprometimento com a criança. Tal ambiente de permissividade facilitará o desenvolvimento da subjetividade desse ser em formação.

1.2 - O AMBIENTE COMO FACILITADOR DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Pode-se dizer que um ambiente que propicia o desenvolvimento satisfatório de um bebê é aquele que é adaptado a partir das necessidades deste novo membro da família. A princípio pode-se exigir um alto grau de adaptação, função quase sempre desenvolvida pela mãe (ou pessoa que desempenha a função materna) devido a um estado especial em que a mãe se encontra, chamado por Winnicott de “função materna primária”. Essa necessidade de adaptação pode ir diminuindo à medida que a criança experimenta a frustração e, segundo Winnicott (1999, p. 04), a capacidade da mãe em permanecer neste estado de adaptação ao bebê, é um fator que contribui para a formação do bebê. Ou seja, se a mãe e seu filho estão inseridos em um ambiente onde as ansiedades, angústias, tristezas, alegrias e afetos são acolhidos pelos familiares e/ou pessoas que auxiliem a mãe nos cuidados com a criança, permitirá a ambos o pleno desenvolvimento de suas subjetividades, evitando-se assim um assujeitamento da mãe à criança. Tal situação fará com que o bebê se torne um sujeito saudável psiquicamente.

A adaptação vai diminuindo de acordo com a crescente necessidade que o bebê tem de experimentar reações à frustração. A mãe saudável pode retardar sua função de não conseguir se adaptar até que o bebê tenha se tornado capaz de reagir com raiva, em vez de ficar traumatizado¹ pelas incapacidades da mãe.

O vínculo estabelecido entre mãe e filho no início deve ser forte e poderoso e esta é a época natural para que este vínculo aconteça. Deve configurar uma experiência saudável para ambos, pois o bebê nesta fase necessita do amor de mãe para se ter saúde psíquica, enquanto indivíduo na sociedade. Partindo dessa mesma perspectiva Lebovici e Soulé (1980, p. 240) escreveram: *A criança do peito, na verdade, não se diferencia de seu ambiente e, por isso, só pode sentir o seio materno como uma parte dela mesma. O “Eu” não se distingue do “não-Eu”.*

Segundo Winnicott o processo bidirecional é a etapa do desenvolvimento em que a mãe se adapta ao mundo subjetivo da criança, o que permite que ela viva um suprimento básico da experiência da onipotência. No decorrer deste processo a criança será capaz de distinguir entre o eu e o não-eu, entre o real compartilhado e os fenômenos da realidade psíquica. Para que isso ocorra é necessária uma relação viva, permeada de amor

¹ Segundo Winnicott trauma significa quebra de continuidade na existência de um indivíduo (1999 p. 4). Ou a não geração de sentidos subjetivos para a criança em questão.

onde as funções paternas² complementam as funções da mãe e, por meio dessa relação complexa, será introduzido na criança o princípio da realidade, ao mesmo tempo em que *devolve a criança à criança*. Ou seja, essa situação é necessária para que a criança não permaneça grudada à mãe, é necessária para que ela comece a dar sentido a sua própria existência, construindo sua subjetividade a partir da interação com seus pais, que lhes propiciam situações possíveis de serem geradoras de sentido. Mais uma vez, cabe citar Winnicott (1999, p. 13):

A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo apresenta o mundo de forma a que o bebê comece com um suprimento da experiência de onipotência que constitui o alicerce apropriado para que ele, depois, entre em acordo com o princípio da realidade.

Como exposto, é possível perceber que para o ambiente tornar-se facilitador para o desenvolvimento do neonato, deve estar inserido em um contexto de qualidades humanas tais como: amor, intuição, erros, acertos e até mesmo o medo. Isso implica dizer que não é necessária uma habilidade mecânica, para que uma boa mãe proporcione ao filho um ambiente acolhedor e facilitador do desenvolvimento do psiquismo deste ser em formação. A conclusão que chegamos é de que o ambiente, para tornar-se facilitador, deve ser amoroso o suficiente para permitir o desenvolvimento subjetivo de cada sujeito que compõe este ambiente.

Nesta mesma perspectiva, Golse afirma que os bebês devem ter tempo para serem verdadeiramente crianças, mesmo que exista uma pressão social e também por parte dos pais para que se torne autônomo o mais breve possível, fato que prejudica a espontaneidade da relação deste com sua mãe ou com sua figura substituta, o que conseqüentemente poderá trazer danos para o desenvolvimento psíquico de tais bebês. Por isso, cabe citar Golse (2003, p. 34):

Todavia, os bebês têm necessidade de tempo suficiente para serem bebês; isso parece provocação, mas percebemos que é uma necessidade. Se a pessoa perde muito rapidamente este tempo da pequena infância, há coisas que não se recuperam em termos de apego, de segurança, de solidez das primeiras relações.

A citação de Bernard Golse está relacionada com o que Winnicott apresenta acerca do desenvolvimento do bebê no que diz respeito à inter-relação do pequeno com as

² Relação estabelecida entre pais e filho, que é produtora de sentidos subjetivos, essenciais para a constituição do ser em formação.

figuras fundamentais ao seu desenvolvimento psíquico saudável, para que se torne um adulto responsável socialmente, e “senhor” de seus atos, ou que ele realmente possa se tornar sujeito. Dessa forma, a maternagem enquanto meio de produção de sentidos numa relação é essencial para o desenvolvimento tanto do bebê, quanto da mãe.

1.3 - IDENTIFICAÇÃO DO BEBÊ COM SUA MÃE

A “função de espelho” ou função de suporte é outro aspecto fundamental para o desenvolvimento do bebê, pois trata-se de uma função de suporte do Ego da mãe para com o Ego do filho. Para Winnicott esta função é denominada de “relação com o Ego”. E é por intermédio desta relação que a criança passa da projeção para a percepção. O que corresponderia com a separação do Eu com o Não Eu. Este processo só é possível com um ritmo variável do ambiente e da criança, o que fará com que ela elabore a idéia da pessoa da mãe.

A importância desta fase se dá na medida em que a criança comece a se relacionar com sua mãe para se formar como sujeito. E, para que isso aconteça, requer-se uma repetição tal que a criança possa se perceber e produzir seus próprios sentidos subjetivos, primeiramente, fazendo uso de simbolismos para que mais adiante os transformem em realidade.

Este período de entrega e de identificação da criança para com sua mãe é impossibilitado devido a um “adoecimento” da mãe. Ao refletir seu estado de “alma” ou a rigidez de suas defesas, ela não pode responder ao filho da forma que ele merece. Então, esta criança não recebe o que ofereceu de volta, não existindo uma situação de troca. Essa situação pode gerar como consequência uma dificuldade da criança em trocar com o mundo, ou até mesmo um atrofiamento de sua capacidade criativa, ou seja, a criança não produz sentidos subjetivos para tornar-se sujeito de fato.

Segundo Lebovici e Soulé (1980, p. 399) *O bebê vive um conjunto de experiências ritmadas no tempo, em que a figura materna, no princípio, só adquire forma através da relação de necessidade*, para posteriormente diferenciar-se da mãe e constituir-se a partir desta relação.

O estado de identificação do bebê se dá por volta do nascimento e das primeiras semanas ou meses de vida. E é na presença de uma *mãe suficientemente boa*³ que uma criança pode desenvolver-se de uma forma satisfatória, ou seja, iniciar um processo de desenvolvimento real e pessoal. Se a maternagem apresentar-se em uma relação de troca a criança terá estruturas para desenvolver o seu verdadeiro self. E se o inverso ocorre com uma mãe que não proporcione uma verdadeira relação de troca com seu filho, desta forma, este bebê poderá desenvolver um falso self, situação que só o tempo poderá evitar. Por isso, vale a pena citar Winnicott (2001 p. 24):

Quando o par mãe-filho funciona bem, o ego da Criança é de fato muito forte, pois é apoiado em todos aspectos. O ego reforçado (e portanto muito forte) da criança é desde muito cedo capaz de organizar defesas e desenvolver padrões pessoais fortemente marcados por tendências hereditárias.

Nesta citação de Winnicott é possível verificar a importância de uma boa maternagem para que a criança se desenvolva bem e estabeleça as bases para a sua estruturação do Eu de forma a ser produtora de sua subjetividade, isso só é possível na medida em que mãe possua um Eu forte, e que a conduza a um processo de subjetivação, possibilitando assim o estabelecimento do bebê como pessoa, diferente das demais. Ao, se assegurar uma qualidade e uma regularidade na maternagem de um bebê, pode-se preservar desta forma, a maturação psíquica do lactente. Por isso, é necessário a compreensão da importância da função materna especificada a seguir.

1.4 - AS FASES DA FUNÇÃO MATERNA

Segundo a clínica *Winnicottiana* é possível categorizar a função da mãe *suficientemente boa* em três estágios. Partindo da perspectiva de que a mãe, a partir de suas experiências e vivências do seu contexto configuracional subjetivo, irá conduzir e interferir no processo de subjetivação deste novo ser. Vale ressaltar que as situações descritas a seguir dependem de variáveis e recursos internos diferenciados para cada sujeito devido a sua formação, pois cada sujeito processa e elabora a sua subjetividade diante de situações sociais e históricas de forma diferenciada. Os três estágios são:

³ termo criado por Winnicott para designar uma mãe ou pessoa correspondente que de uma forma intuitiva, não cognitiva apresenta-se disponível ou atenta às necessidades de seu filho.

- *Holding*: está relacionado com a capacidade de a mãe identificar-se com seu bebê. Está relacionado, também, com a rotina de cuidados cotidianos, de uma evolução e uma adaptação progressivas na medida em que o bebê se desenvolve. Um *holding* satisfatório relaciona-se com uma porção básica de cuidados com relação ao bebê. Ao passo que um *holding* pouco satisfatório e ou deficiente produz uma sensação de despedaçamento, sentimento de que a realidade externa não pode ser utilizada para o reconforto interno. O sentimento de existência, gerado a partir do holding, apresenta-se no lactente como um sentimento contínuo de existência, o que conduz a um estado de unidade, ou seja, é a constituição do Eu. Ou seja, a mãe também deve identificar-se com seu bebê.

- Manipulação: facilita a formação de uma parceria psicossomática na criança. Isso contribui para a formação do sentido do real, por oposição do irreal, ou seja, está presente o funcionamento mental. Uma manipulação deficiente pode desencadear uma deficiência no desenvolvimento do tônus muscular e da coordenação e ainda da incapacidade da criança gozar a experiência do funcionamento corporal.

- Apresentação de objetos ou realização: diz respeito à edificação das “primeiras relações objetais”. Está relacionado com o modo que a realidade exterior é apresentada ao bebê. É a partir desta situação que se torna real o impulso criativo da criança, e ainda, que o bebê passa a ter capacidade de relacionar-se com objetos. Falhas neste cuidado podem impedir o desenvolvimento da capacidade da criança sentir-se real na sua relação com o mundo de objetos e fenômenos.

Vale ressaltar que estas fases no processo de desenvolvimento não ocorrem de forma isolada. Por participar da constituição do Eu, elas apresentam-se no desenvolvimento de um bebê de forma intrincada, dinâmica e diretamente relacionadas com a história pessoal e social da criança.

O desenvolvimento de uma criança apresenta-se como uma função de um processo de maturação e do acúmulo de experiências. Mas este processo só ocorre em um ambiente propiciador desde o início, e que pode ser descrito a partir de uma dependência absoluta no princípio para, num segundo momento, passar para uma dependência relativa a caminho de uma independência e uma conseqüente identificação com a sociedade, que ocorre por intermédio da socialização e do desenvolvimento do “senso social”.

1.5 - A PRIVAÇÃO DE CUIDADOS MATERNOS

Atualmente existem controvérsias a respeito do que vem a ser carência ou privação de cuidados maternos, ou melhor, da maternagem, mas sabe-se que pode ser a base de patologias que acometem os pequenos, com repercussão em sua vida adulta e como indivíduo em sociedade.

No caso de crianças com privação completa da mãe ou da figura materna, que desempenhe este papel, como no caso de crianças institucionalizadas, elas podem desenvolver algumas psicopatologias, tal como, a depressão anaclítica⁴. As crianças que não têm a oportunidade de mais tarde estabelecer este vínculo estável e assegurador recebem uma maternagem insuficiente, o que representa, como já foi dito, uma via para o adoecimento.

Uma separação de mãe e filho em uma relação já formada, onde a qualidade do vínculo, a maturidade da criança e sua idade exercem influência neste processo, pode também acarretar distúrbios marcantes para o desenvolvimento psíquico desta criança e exercer influencia direta no processo de estruturação do Eu. Dessa forma, cabe citar Lebovici e Soulé (1999, p. 413):

A separação desencadeia um labor de luto análogo ao do que se observa no adulto. Constatou-se que a perda da mãe por falecimento, tanto durante os cinco primeiros anos quanto no decorrer dos cinco seguintes, era um antecedente significativamente importante entre pacientes de hospitais psiquiátricos, ou entre pessoas que apresentavam psiconeuroses ou distúrbios psicossomáticos.

Na citação anterior, fica evidenciada a importância de uma relação de troca saudável, ou seja, de uma pessoa em quem a criança possa confiar e se identificar para que desenvolva o seu processo de tornar-se sujeito e, conseqüentemente, desenvolva a sua subjetividade. Para que a criança separada da mãe não percorra o caminho da psicopatologia é necessário que ela tenha mecanismos e a possibilidade de desenvolver com outras pessoas esta relação de troca e de identificação, pois esta situação é parte de seu processo de estruturação como indivíduo.

Portanto, enfatizamos aqui o grau de importância do contato da mãe com o seu bebê, já que implica em momentos favorecedores na formação da criança. O toque imediato após o parto, estabelecendo o vínculo entre mãe e bebê, e o toque na amamentação, gerando trocas positivas freqüente entre ambos, proporciona a afirmação da maternagem. Tal

⁴ Segundo Spitz, em Lebovici e Soulé, depressão anáclítica refere-se ao estado de embrutecimento estuporoso que naufraga a criança privada de cuidados maternos. Recebe este nome devido à semelhança com a depressão apresentada por adultos, mesmo que seja fundamentalmente diferente em estrutura dinâmica.

fenômeno evita a tensão que pode ocorrer em função do estado emocional presente, e ainda, facilita a geração de bem-estar na mãe, a partir da constatação do tipo de contribuição favorável que oferece ao seu filho.

Winnicott (1999, p. 143) exemplifica a importância do amor atribuído a uma criança, mesmo que exista a privação desse amor e mesmo que, num segundo momento, a criança tenha a oportunidade de obter este ingrediente indispensável ao seu desenvolvimento. Ainda que, posteriormente, surjam sentimentos de destruição do objeto que está lhe dispensando tal amor, por medo da perda., ou melhor, pelo não-desenvolvimento da confiabilidade humana, o desenvolvimento desse estágio inicial de troca afetiva, de amor e ódio, de situações de ambivalência entre mãe e filho, faz-se necessário para a formação e estruturação do Eu dos indivíduos em formação.

... se você começa a amar uma criança que não foi amada , no sentido pré-verbal pode ser que você esteja em apuros. De repente, você é roubado, as janelas são quebradas, o gato é torturado, entre outras coisas terríveis. E você sobrevive a tudo isso. Você vai ser amado por ter sobrevivido.

Ao partir das considerações fundamentais da psicopatologia psicanalítica, segundo a qual se compreende, de uma perspectiva *winnicottiana*, que as formas mais graves de sofrimento emocional estão intimamente relacionadas às deficiências ambientais no provimento de cuidado materno suficientemente bom ao lactente, deve ser considerada a importância da atenção psicológica que possa facilitar a entrada da gestante na condição emocional conhecida como *preocupação materna primária*⁵. Por isso, pode ser possível no futuro a atuação de psicólogos no atendimento de gestantes no pré-natal, de gestantes de gravidezes de alto risco, bem como a sua atuação em UTIs neonatais. Dessa forma, haveria a possibilidade de um acolhimento, bem como de uma escuta privilegiada das angústias e/ou questões que afligem tais mães neste período tão importante de suas vidas e de seus filhos.

⁵ Preocupação materna primária refere-se ao estado em que a mãe experimenta durante a gravidez, em que esta mãe está com seus interesses e foco voltados para a gravidez, e para o bebê que está para nascer, perdendo, de certa forma, o interesse (momentâneo) por outras situações que anteriormente lhe causavam prazer.

1.6 - A INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ DURANTE O PERÍODO PRÉ-NATAL

As experiências pré-natais iniciam-se bem antes do nascimento, durante o processo de formação do bebê no útero da mãe, fase na qual se originam as capacidades de aprendizado do feto. No período gestacional se estabelece uma ligação psicológica e afetiva vital entre mãe e bebê, situação denominada de simbiose, em que as emoções maternas podem ser capazes de afetar o bebê.

Segundo Winnicott, a mãe grávida possui uma capacidade de empatia com o feto, desenvolvida ao longo da gravidez. Essa fase é por ele denominada de preocupação materna primária, e se apresenta sob a forma de uma sensibilização aumentada logo após as primeiras semanas de nascimento do filho. Isso faz com que a mãe sinta vontade de renunciar a certos interesses pessoais e direcionar-se à criança.

Os movimentos fetais podem ser considerados uma forma de comunicação mãe-bebê no período intra-uterino e é por intermédio deles que existe a possibilidade de encontrarmos indícios do estado emocional do feto. Pode ser possível que ele sinta o que ocorre externamente, em virtude do elo mãe-feto estabelecido nesse período. Vale lembrar que tais emoções fazem parte do estado psicológico da mãe e são possivelmente sentidas por ele, ou seja, o feto é suscetível aos sentimentos maternos. Portanto, faz-se necessário o cuidado com o desenvolvimento psico-afetivo-emocional do bebê no período anterior ao seu nascimento, bem como o cuidado com os estados emocionais, psicológico, afetivo e físico da mãe que está gestando seu filho. Uma vez mais, cabe citar Winnicott (1999, p. 140):

Quando a gravidez está chegando ao fim, e no início da vida do bebê, as mães estão de tal forma identificadas com o bebê que elas praticamente sabem o que eles estão sentindo, de tal forma que elas podem se adaptar às necessidades dele, e assim, tais necessidades serão satisfeitas. ... A mãe estará estabelecendo as bases para a saúde mental deles.

Nessa citação, Winnicott expressa a importância da mãe se identificar com o bebê, de tal forma que ela possa esquecer dela mesma, de maneira que ela se torne uma *mãe satisfatória* para o seu filho, proporcionando-lhe as bases para um desenvolvimento e um crescimento saudáveis. Ou seja, o que está em jogo é a confiabilidade humana. Se existe esta troca numa relação de amor, afeto e, mais uma vez, confiança, ambos, mãe e filho, poderão superar os obstáculos e continuar o processo saudável de seu desenvolvimento.

No período de gravidez da mãe, o bebê passa a ocupar outros significados na fantasia inconsciente da mãe. Essa situação é uma forma da mãe desviar a atenção de si mesma para o bebê e, assim, preparar-se para fazer a coisa certa no momento do nascimento de seu filho. Ela sabe como o bebê pode estar se sentindo e ninguém mais sabe.

2 - NARRATIVIDADE ENTRE O ADULTO E O BEBÊ: BASE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Atualmente, o psicanalista e psiquiatra infantil Bernard Golse apresenta a narratividade como um fator de extrema importância para o desenvolvimento infantil, onde a história do infante é co-construída a partir de interações precoces. Tanto o crescimento físico, quanto a maturidade psíquica de uma criança, depende da interface dos acontecimentos que acontecem dentro e fora, ou seja, de fatores exógenos (encontro da criança com seu meio) e endógenos (equipamento neurológico, genético e cognitivo) para que seja constituída a história pessoal.

A narratividade baseia-se na teoria do apego desenvolvida por J. Bowlby, que se exprime em termos de segurança, insegurança ou ambivalência e apresenta também como ponto central a coerência, a fluidez e a continuidade do discurso, princípios que a narratividade se apóia. Segundo Golse, esta nova forma de ver o homem pode reunir a teoria do apego, citada anteriormente, e a teoria psicanalítica. Isso porque a teoria do apego pode conduzir à teoria das pulsões e à teoria das relações de objeto, presentes na teoria psicanalítica, conforme podemos verificar na citação abaixo de Golse (2003 p. 106):

... A narratividade, enquanto atividade psíquica fundada sobre o jogo dos processos de ligação, pode ser pensada bem mais em termos metapsicológicos do que em termos de “apego”, como mostrarão possivelmente as futuras pesquisas sobre avaliação de processos de troca no quadro das curas psicoterapêuticas ou psicanalíticas, quando essas pesquisas estarão no momento de tomarem a narratividade como um novo paradigma experimental.

Na citação anterior, Bernard Golse afirma a necessidade de estabelecermos novos paradigmas para o entendimento e compreensão do ser humano. É por isso que a utilização desta abordagem, que visa o rompimento com o paradigma cartesiano, é utilizada e analisada como uma possibilidade para o desenvolvimento da criança e de sua constituição como ser humano. Nessa abordagem a aprendizagem do bebê se faz a partir da interatividade

deste com um ou mais adultos, que já possuem a sua narratividade. O adulto ensina ao bebê a partir de suas próprias representações de sua infância, induzindo na criança movimentos identificatórios e contra-identificatórios, os quais acontecem a partir da visão do mundo, do feminino e do masculino que este adulto possui e que por intermédio de projeções, ele as passa para o bebê. Por sua vez, a criança tenta fazer o adulto funcionar por intermédio de suas imagens interativas com tal adulto. Por isso, vale citar Golse (2003, p. 102):

... cada vez que um adulto cuida de um bebê, institui entre os dois um estilo interativo que é eminentemente específico daquela díade. O estilo interativo do adulto é a resultante de sua história pessoal (o que este adulto é atualmente, o bebê que ele foi e a natureza de suas interações precoces) e do encontro com essa criança, particular, que tem suas próprias características interativas.

Nessa citação fica evidenciada a importância da narratividade na constituição e no desenvolvimento de um bebê, pelo fato de que o adulto lhe transmite as suas impressões, resultantes de suas interações no curso de seu desenvolvimento. A qualidade dessa interação é permeada por sentimentos, tais como, afetividade, amor e tranquilidade, os quais podem proporcionar bem-estar ao pequeno e, por consequência, a sensação de ser amado e a perspectiva de se tornar um adulto com uma “identidade narrativa”.

O adulto, ao contar sua história já vivida ao bebê que, por sua vez, está começando a viver a sua própria história, contribui para que, neste espaço, relacional ocorra uma terceira história que se origina a partir das duas primeiras. E essa terceira história pode funcionar como um espaço de liberdade para ambos, em razão de ser construída à medida que se faz e que se diz. No entanto, só pode ser estruturante para o bebê se tiver uma ligação com as duas histórias existentes, deixando espaço para o novo, ou seja, para uma nova interação.

A citação de Stern apud Golse (2003 p. 105) demonstra como o Si mesmo pode ser construído por intermédio da narratividade, onde este Eu é construído por intermédio das interações com os adultos que interagem com o bebê no curso do processo de identificação, ou seja, a narratividade apresenta-se como o ponto central para a construção do Self:

A narratividade é anti-traumática pela criação de laços, mas, estes laços são, por eles mesmos, uma função de representação que abre o processo sobre o surgimento do novo e do inédito. Tal é, parece, a função central da narratividade, enquanto processo de ligação - por vezes defensiva e criativa - no início antes da linguagem (narratividade analógica jogando com as sintonizações afetivas) e que chegará em seguida ao nascimento do sentido de um Si mesmo-nodal, de um si mesmo emergente e de um Si subjetivo (D. N. Stern).

Por intermédio dessa citação é possível compreender que a narratividade propicia o desenvolvimento de um si-mesmo subjetivo, um si-mesmo que é desenvolvido a partir das inter-relações do sujeito com o ambiente no qual está inserido, e que cada indivíduo vivencia de uma forma especial e única, e que, conseqüentemente, acarretará a formação de sua subjetividade. Existe uma troca onde ambos saem influenciados e modificados, ou seja, a sua história é co-construída.

Segundo a epistemologia da narratividade, o contato com um bebê, propicia ao adulto um contato com suas partes mais sensíveis e mais frágeis, pois, só assim, é possível compreendê-lo no verdadeiro sentido etimológico, “*é o que existe no outro que ressoa em você*”. (Golse, 2003 p. 28). Então o que existe é uma dialética numa situação de troca, em que está presente o bebê que fomos e o que este bebê projeta em nós. O bebê que fomos não morre mais, e é por intermédio desta relação que o bebê se constrói como ser humano. Contudo, o mais importante que o bebê pode nos ensinar é que eles têm o direito de ter uma infância, de ser amados em sua história, constituindo uma relação de troca mútua. Essa afirmativa converge com o que Winnicott diz a respeito do amor como via de aceitação incondicional, base para o processo de individuação dos sujeitos envolvidos em tal processo.

Uma etapa fundamental para o desenvolvimento sadio do bebê é a diferenciação de sua mãe. Para se tornar uma pessoa diferente e única, ele utiliza objetos ou fenômenos transacionais (tais como o urso de pelúcia) para se separar sem se extirpar, sem traumas. A mãe ou pessoa que desempenha a função materna (pai, avós e toda família) deve também possuir qualidades que propiciem este processo de diferenciação. De acordo com o conceito de maleabilidade proposto por Marion Milner apud Golse (2003) a mãe deve ser naturalmente maleável para permitir a evolução desta etapa na vida de uma criança. Ao permitir que o bebê utilize objetos transacionais, estará possibilitando uma separabilidade progressiva da mãe e/ou da figura materna. Esse conceito complementa as teorias *Winnicottianas* sobre a importância que a simbolização desempenha no curso do desenvolvimento da criança e, conseqüentemente, de sua individuação.

Uma relação que permita ao bebê se diferenciar deve permitir que, ao mesmo tempo, jogue toda força do amor, bem como de sua agressividade. Essas situações, ocorridas em um contexto em que existe a acolhida dos sentimentos e sensações que permeiam tal relação, fazem com que o bebê guarde uma memória. Em outras palavras, haverá uma marca do amor materno no infante de forma a produzir um ser individuado, ou seja, co-construído

com o adulto, para que assim se forme uma terceira história entre eles, com certo grau de liberdade.

Essa afirmativa converge com o que Winnicott diz a respeito da simbiose de uma mãe para com seu filho. Para se tornar uma mãe suficientemente boa ela deve, num primeiro momento, apresentar-se de forma totalmente grudada na criança, para que, aos poucos, se separem. Mais adiante estarão totalmente individuados e independentes, proporcionando, dessa forma, o desenvolvimento saudável da criança.

A narratividade permite ao bebê desenvolver competências denominadas de “o estar-junto” e o “fazer-junto”. Constitui o encontro com um bebê em um espaço interativo de narração entre adulto e bebê. Este processo pode ser representado pela fusão, defusão e refusão, ou seja, a mãe ou representante deve fundir-se, tornar um só ser, para, posteriormente, separar-se dele e fundir-se novamente caso seja necessário, de forma a permitir que a criança perceba a existência de um terceiro na relação.

É possível que exista a pergunta: Que terceiro é este que se apresenta nesta relação? E a resposta será apresentada ao valor da função paterna⁶ na relação entre mãe e filho, que deve apresentar-se como contextualizador, continente e narrativo. Este lugar será construído pela mãe e pelo bebê. Ou seja, este terceiro deve ser propiciador e facilitador da díade mãe-filho, não deve apresentar-se como um pai edípico ou castrador, que separa a mãe. Essa função deve ocorrer muito mais tarde; o pai deve estabelecer uma relação nutriz entre mãe e filho.

Quando o bebê forma vínculos com pessoas que estejam integradas, que tenham idéia de limitação, de sua continência, está proporcionando sustentação em seu processo de construção. Nesse particular, vale fazer referência a Golse (2003 p. 40):

... O único modo de fazê-lo é reconduzir um terceiro maleável, um terceiro narrativo, um terceiro bissexuado, mas um terceiro continente. E isso é inteiramente importante nas concepções atuais do desenvolvimento do bebê.

É possível constatar que, para o bebê tornar-se sujeito, é necessário que ele tenha acesso a uma intersubjetividade, linguagens e simbolizações permeadas por afetividade e emoções de uma forma compartilhada, ou seja, co-construída. Narrativa essa que permita

⁶ Função paterna é aqui apresentada como uma terceira pessoa na relação que permita que a criança seja produtora de sentidos subjetivos a respeito de sua relação com a mãe e com o outro, ou seja, que ela perceba que não existe apenas ela e a mãe no mundo. O terceiro nesta relação seria o apresentador/introdutor de uma sociedade regida por leis e regras.

ver o outro por intermédio de suas histórias e, assim, estruturar-se e tornar-se um ser individuado a partir de seus próprios afetos, de suas próprias emoções e sentimentos.

3 - SUBJETIVIDADE SOCIAL E INDIVIDUAL COMO VIA PARA A COMPREENSÃO DO SUJEITO

Recentemente, os novos paradigmas, denominados de pós-modernidade, por romperem com as características do paradigma da modernidade, instauram um conhecimento que não possui a via da objetividade. Aliado à quebra das barreiras disciplinares, tornaram-se possíveis outros estudos com foco nos problemas que se aproximam de forma mais real da subjetividade, como uma construção social a partir das interações do homem com a sociedade. Esse fenômeno pode ser percebido nos campos das ciências sociais, tais como a antropologia, a sociologia e a psicologia, em que a mudança na forma de se pensar e estudar a subjetividade se faz presente.

De acordo com Molon (1999), Vygotsky anunciava a origem social da consciência, ressaltando a importância da linguagem como seu constituinte. No entanto, ele estava preocupado com os reflexos que não poderiam ser manifestados diretamente, como a fala interior e a fala silenciosa, deixando claro que os fenômenos subjetivos não existem em si mesmos e nem são afastados da dimensão espaço-temporal. Neste contexto, cabe citar González Rey (2003, p. 241):

A subjetividade tem dois momentos essenciais que se integram entre si (...): a personalidade e o sujeito, que se exprimem em uma relação na qual um supõe ao outro, um é momento constituinte do outro e que, por sua vez, está constituído pelo outro, sem que isto implique diluir um no outro. A concepção histórico-cultural (...) nos leva necessariamente a uma definição diferente da personalidade, na qual esta deixa de ser entendida como sistema intrapsíquico de unidades invariáveis, para ser entendida como o sistema subjetivo auto-organizador da experiência histórica do sujeito concreto.

Nesta citação González Rey afirma que a subjetividade de um sujeito é construída a partir de interação social do sujeito onde um constrói o outro sem que um se dilua ou se perca no outro tendo como base a personalidade como um sistema subjetivo auto-organizador das experiências vivenciadas pelo sujeito concreto (como um todo) e não como uma personalidade imutável, intrapsíquica que determina o sujeito.

A subjetividade é um processo sutil que possui relação direta com o social, o biológico e o cultural e não se esgota por nenhuma destas dimensões. Ela é apresentada como uma nova epistemologia, que consiste em um processo complexo, heterogêneo, não linear, qualitativo, que rompe com a relação causa e efeito, e com o paradigma dominante da modernidade. Essa epistemologia visa também ao rompimento de idéias que já estão estruturadas no pensamento ocidental de interno e externo, social e individual, universal e singular, essência e existência, ou seja, a subjetividade tem como objeto a integração de tais dimensões, comumente dicotomizadas no paradigma atual. Por isso, cabe citar Gonzalez Rey (2003 p. 75):

O desafio de apresentar a psique a partir da visão cultural despojando-a do caráter determinista e essencialista, que acompanhou a grande maioria das teorias psicológicas, conduz a uma representação da psique em uma nova dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética, definida como espaço ontológico, à qual temos optado pelo conceito de subjetividade.

Na citação anterior é possível verificar que a subjetividade representa um novo pensar, que tem como foco a integração de dicotomias tão presentes na modernidade. Considera o homem como um ser cindido, separado, ou melhor, categorizado, como por exemplo, interno e externo. Nesta nova visão de homem ele é apresentado como um ser complexo, que possui múltiplas articulações, interpenetrações e com possibilidades constantes de mudanças.

A subjetividade apresenta-se de forma polêmica e discutida, uma vez que teóricos, estudiosos e profissionais de áreas afins possuem concepções teóricas distintas umas das outras. Na concepção de Silvia Lane (2002, p. 17):

A subjetividade é construída na relação dialética entre o indivíduo e a sociedade e suas instituições, ambas utilizam as mediações das emoções, da linguagem, dos grupos a fim de apresentar uma objetividade questionável e responsável por uma subjetividade, na qual estes códigos substituem a realidade. Assim, subjetividade/objetividade como unidade dialética é mediada por uma estrutura denominada Subjetividade Social a qual, através de códigos afetivos e lingüísticos, garantem a manutenção do status quo.

Na citação anterior, Silvia Lane apresenta a subjetividade social como um veículo que possibilita a integração entre a objetividade e a subjetividade, para a manutenção do paradigma atual. Esta posição se confronta com a possibilidade apresentada por Gonzalez Rey, onde a subjetividade social também é um processo complexo, pois integra os elementos

de sentido subjetivos produzidos nas diferentes áreas sociais dos sujeitos, ao mesmo tempo que é constituída pela subjetividade individual de cada sujeito concreto. Ou seja, tanto a subjetividade social como a subjetividade individual, está permeada uma pela outra; elas se integram para se constituírem. Em González Rey (2004, p. 145), é possível verificar tal constatação:

A subjetividade social e individual são momentos diferentes de um mesmo sistema. Ambas as instancias da subjetividade são sistemas processuais em desenvolvimento permanente que se expressão através de sujeitos concretos que se posicionam ativamente no curso deste desenvolvimento. A subjetividade não é um sistema abstrato e impessoal. Ao contrário, seu sistema é formado por sujeitos concretos e ela se constitui nesses sujeitos e eles, por sua vez, vão influenciando constantemente em sua trajetória e se configuram subjetivamente através da ação nos vários espaços da vida social.

O conceito de subjetividade social foi introduzido em um momento histórico de busca, em que a psicologia latino-americana procurava estabelecer uma psicologia própria, com ênfase na psicologia social. Nessa perspectiva, a subjetividade social, como um sistema complexo, exibe formas de organização igualmente complexas, ligadas aos diferentes processos de institucionalização e ação dos sujeitos nos diferentes espaços da vida social, dentro dos quais se articulam elementos de sentidos procedentes de outros espaços sociais. (González Rey, 2000).

Essa concepção epistemológica é revolucionária, em especial para a clínica. A psicoterapia está baseada na interpretação-ação, “o observador se relaciona com o sistema através de um entendimento, que modifica sua relação com o mesmo, também os psicoterapeutas constroem, por meio de seu entendimento e suas descrições próprias, o processo de interação no qual se envolvem com seus pacientes.” (McNamee & Gergen, 1998). A subjetividade é, por assim dizer, o espaço criativo capaz de conferir novidade e superação de limites, isso se tiver oportunidade de se expressar. Segundo González Rey, os cenários subjetivos dos sujeitos permitem ao psicólogo organizar os sentidos, sentimentos, complexidade e carga afetiva presentes nas demandas do cliente. Essa epistemologia permite que a análise seja realizada a partir do referencial da própria pessoa, sem que exista uma imposição por parte do terapeuta. A situação configura-se como um ganho no processo de mudança de uma pessoa que procura ajuda.

Assim, as configurações partem de um pressuposto sistêmico e integra processos diferentes em uma mesma unidade, sendo que no centro o tema que configura o problema e os cenários dos sujeitos se constitui de forma configuracional. Nesse contexto, é possível citar Neubern (2004, p. 216):

Configurações - conceito de González Rey (1997) que busca integrar, de modo sistêmico e dinâmico, diferentes processos subjetivos, como sentido, motivos e necessidades. As configurações devem ser compreendidas como noções que dialogam com os momentos atuais dos sujeitos e, portanto estão passíveis de constantes alterações e novos arranjos. Logo, mesmo as influências de processos históricos integram-se de formas distintas, em termos configuracionais, em função das relações do sujeito consigo e com seus cenários sociais.

As configurações subjetivas, por serem dinâmicas, expressam o sentido das diferentes atividades sociais dos sujeitos, e são responsáveis pelas emoções envolvidas na vida do sujeito. Elas podem demonstrar as necessidades que se apresentam naquele momento, ou seja, naquela configuração.

Segundo González Rey (2004) a relação com o outro para a criança comparece a partir de complexas emoções e processos simbólicos que organizam-se em unidades qualitativas a partir da interação com este, e a medida que ela articulam numa produção simbólica processual, ou seja, numa configuração subjetiva.

A condição que o sujeito se apresenta está relacionada com a subjetividade individual e com os ambientes institucionais em que o sujeito atua. Ou seja, a subjetivação do sujeito está presente na subjetividade social. Portanto, cabe citar González Rey (2003 p. 215):

O conceito de subjetividade social integra os elementos de sentido subjetivo que, produzidos nas diferentes zonas da vida social da pessoa, se fazem presentes nos processos de relação que caracterizam qualquer grupo ou agência social no momento atual de seu funcionamento. Da mesma forma, a subjetividade social aparece constituída de forma diferenciada nas expressões de cada sujeito concreto, cuja subjetividade individual está atravessada de forma permanente pela subjetividade social.

Nessa citação fica possível compreender que a subjetividade social integra os aspectos e sentidos subjetivos produzidos pelo indivíduo nos diferentes aspectos sociais em que está inserido, e que exerce influência direta na subjetividade individual do sujeito, pois ambas se complementam e interagem uma com a outra. Portanto, os aspectos sociais deixam de ser vistos como externos ao indivíduo, para ser considerados como implicadores em um sistema complexo, diferenciado e determinado pela forma com que tal indivíduo relaciona-se com o social, bem como com a interferência exercida na sua individualidade.

Segundo González Rey (2003), a categoria de subjetividade social tinha o intuito de romper com a idéia de subjetividade como um fenômeno meramente individual, e apresentá-la como um sistema complexo, produzido de forma espontânea e simultânea no

social e no individual, determinada pela forma que a experiência adquire sentidos e significações na história do sujeito que pode se apresentar tanto no social como no individual.

Assim, os processos de subjetivação individual são articulados com os processos de interação social do sujeito e ambos sofrem conseqüências distintas, uma no nível individual e outra no nível social. Ou seja, elas são expressões de momentos diferentes, pelos quais se constitui a subjetividade humana e esta, por sua vez, se constitui a partir do meio social que está inserido. Por isso, é possível pensar que a estruturação de um bebê, bem como a construção de sua subjetividade acontecem a partir de sua interação com a subjetividade social, ou seja, por intermédio do meio social em que está inserido. E por sua vez a subjetividade social exercerá influência na formação de sua subjetividade individual e o bebê terá na mãe, ou figura representativa, a pessoa que servirá de intermediador de tal processo.

Com isso, a emergência do estudo ou da aceitação da subjetividade, enquanto via produtora de compreensão dos sujeitos, poderá criar novos espaços sociais e, conseqüentemente, mais representações sociais de diversos fenômenos inseridos na trama social, na qual está inserido o sujeito concreto. Portanto, faz-se necessário no decorrer deste estudo, pesquisar a respeito de representações sociais, por representarem a “consciência subjetiva” das pessoas envolvidas na trama social. Vale ressaltar que o social representa um fator preponderante na formação e estruturação de sujeitos concretos.

4 - REPRESENTAÇÃO SOCIAL UMA POSSÍVEL EXPLICAÇÃO

A origem da expressão “Representação Social” é Européia. Ela remete ao conceito de representação coletiva de Émile Durkheim, por longo tempo esquecido, e que o psicólogo francês Serge Moscovici retomou para desenvolver a teoria das representações sociais no campo da psicologia social. E segundo esta teoria, a representação social refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva presente nos espaços sociais, com o objetivo de constituir percepções por parte dos indivíduos. Assim, as Representações de um objeto social passam por uma formação cognitiva, com um encadeamento de fenômenos interativos, fruto de processos sociais do cotidiano no mundo atual. Por isso, cabe citar Moscovici (2003, p.41):

Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações,

enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas das quais ela nasceu.

Na citação anterior é possível verificar a importância do conceito de representação social, pois o conhecimento é compreendido como fruto de uma interação social por ser construído a partir de uma natureza simbólico-social e produz significações para este sujeito.

A representação social apresenta-se como uma construção mental da realidade, a qual possibilita a compreensão e a organização do mundo, e orienta a ação do sujeito. As informações, ao serem apreendidas a partir da história social e pessoal do sujeito, possibilitam que conceitos, teorias e elementos da realidade sejam submetidos a uma reconstituição ou reconstrução da realidade, por intermédio da cognição e do afeto, permitindo, que essas representações se tornem compreensíveis para, posteriormente, serem incorporados à vida do sujeito. Daí a observação de Jodelet (2001, p. 21):

... as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social. Em sua riqueza como fenômeno, descobrimos diversos elementos (alguns, às vezes, estudados de modo isolado): informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. Contudo, estes elementos são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade.

Nesta citação de Jodelet é possível compreender que as representações sociais são uma forma de conhecimento do senso comum, elaborado e compartilhado socialmente. Na construção das representações sociais estão presentes o conteúdo (informações, opiniões, atitudes), o objeto (um trabalho, um acontecimento, uma pessoa) e o sujeito (o indivíduo, a família e o grupo social). E, assim, o conceito ou abstração passa a ter uma existência real para o sujeito por meio da apropriação desses conceitos, pelas representações sociais.

Segundo Moscovici (1978, p. 57), a representação “não é uma instância intermediária, mas sim um processo que torna o conceito e a percepção intercambiáveis, uma vez que se produzem reciprocamente”. As representações proporcionam a aproximação da realidade externa, de modo a torná-la próxima, perceptível e significativa para o sujeito, trazendo o mundo externo para um convívio próximo.

O conceito de Representação Social remete-se aos indivíduos e grupos e leva-se em consideração a re-construção do real, feita por estes a partir de suas vivências cotidianas. Mesmo não sendo uma reprodução exata e idêntica dos significados socialmente

instituídos, ocorre necessariamente a criação ou recriação. Não é possível pensar em representações sociais separadas de processos mais amplos, como a simbolização ou a produção de ideologias. A representação social se refere, portanto, ao conhecimento de senso comum do meio em que vivemos. González Rey (2003, p. 126) afirma que as representações sociais são organizadas em um espaço simbólico, onde os indivíduos protagonistas de determinado contexto social dão sentido subjetivo⁷ às representações a partir de sua história de inter-relação com os demais componentes desta cena, produzindo, então significados para si e os demais.

As RS representam as formas organizativas do espaço simbólico em que as pessoas se desenvolvem. A realidade aparece para as pessoas por meio das representações sociais e dos diferentes discursos que formam o tecido social, mediante os quais os sujeitos individuais, implicados em um determinado espaço social, configuram o sentido subjetivo das diferentes esferas de suas vidas, e produzem significações em relação a si mesmos e aos outros. ... As RS representam complexas sínteses de sentido que permitem momentos de integridade de inúmeros processos sociais "invisíveis" no momento atual.

As representações sociais possuem características fundamentais, que são as representações de um objeto, criadas a partir da construção simbólica que utiliza alguns recursos informativos; têm, portanto caráter simbólico e significante. Possuem também um caráter de imagem, por recorrerem a essa imagem para mediar entre o conceito e a percepção.

As representações sociais contribuem para orientação e formação de condutas e comunicações sociais, expressando, assim, a interpretação da realidade social. São, ao mesmo tempo, instrumento e produto dessa comunicação, ou seja, as representações sociais garantem coesão, controle e a continuidade do grupo social. São utilizadas como meio de identificação do grupo, na medida em que, através delas, o grupo encontra-se "sinalizado", recorrendo às representações sociais para reconhecer e ser reconhecido.

As representações sociais são formadas a partir de um grupo, inseridos em uma classe social em que a cultura permeia indiscutivelmente as representações sociais: história pessoal e situação econômica e social são fundamentais enquanto contexto para a formação das mesmas. Por isso, cabe citar Moscovici (2003, p. 216):

Isso significa que as representações sociais são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um "referencial de um pensamento

⁷ Segundo González Rey (2003, p. 127)... Sentido subjetivo é uma unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções num mesmo sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro. O sentido subjetivo representa uma definição ontológica diferente para a compreensão da psique como produção cultural.

preexistente”; sempre dependentes, por conseguinte, de sistemas de crença ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência. Elas são, sobretudo, o objeto de um permanente trabalho social, no e através do discurso, de tal modo que cada fenômeno pode sempre ser reincorporado dentro de modelos explicativos e justificativos que são familiares e, conseqüentemente, aceitáveis.

Na citação anterior Moscovici explicita a importância e a forma como uma representação social é construída a partir de um contexto social por ser dependente de referenciais tais como os valores e tradições, os quais são transmitidos por intermédio do discurso, ou melhor, da linguagem, pelos quais os sujeitos incorporam tais representações em sua vida. É possível verificar ainda que as representações sociais sejam dinâmicas, pois elas geram novas representações, atraem-se, repelem-se, ou seja, elas representam uma nova forma de reconstrução social de uma realidade.

Ao se levar em consideração a bagagem do indivíduo que subsidia a construção da representação social leva-se em conta também os padrões cognitivos, estéticos e éticos. A representação, enquanto produto resultante de um processo criativo e autônomo, reproduz os padrões onde estão contempladas as condições de classe social.

Segundo Guareschi & Jovchelovich (1995), os modos como o social transforma um conhecimento em representação e como uma representação transforma o social, compreendem dois processos, o da *objetivação* e o da *ancoragem*.

A *objetivação* tem uma seleção e uma descontextualização que permitem deslocar as informações de sua origem trazendo-as para um repertório familiar. Essa passagem da informação para um contexto abstrato e, ao mesmo tempo, concreto torna palpável a estrutura conceitual, de modo que permite que tal informação faça parte dos recursos disponíveis, tornando-se então uma representação, que é o senso comum. A *objetivação* é o processo que transforma abstrações em imagens, é uma maneira de proximidade com o objeto em questão. É o processo que dá materialidade às idéias, tornando-as objetivas, concretas, palpáveis. Torna o abstrato em concreto.

Para realizar-se a objetivação são necessárias três etapas:

a) *Construção seletiva da realidade*: corresponde à forma específica utilizada pelos indivíduos e grupos sociais para apropriar-se dos conhecimentos acerca de determinado objeto;

b) *Esquematização flutuante à formação de um núcleo figurativo* - "é a formação de uma estrutura de imagem que reproduz uma estrutura figurativa ou conceitual";

c) *Naturalização*: é a transformação do abstrato em concreto. Os pensamentos convertidos em figuras são transportados para dentro da realidade.

A objetivação fornece as ferramentas para a ancoragem, que contribui para dar sentido aos acontecimentos, pessoas, grupos e fatos sociais a partir da rede de significados oferecidos pelas representações sociais. Transforma o objeto estranho em algo familiar. A ancoragem representa o enraizamento da representação, isto é, a integração cognitiva do objeto representado dentro do sistema de pensamento pré-existente, onde há transformações na representação derivada deste sistema, bem como modificações que ocorrem no sistema preexistente pela representação social. É um processo de continuidade da objetivação e ao mesmo tempo ocorre simultaneamente a ela.

O segundo processo é o da *ancoragem*, que é o enraizamento da representação, isto é, a integração cognitiva do objeto representado dentro do sistema de pensamento pré-existente, onde há transformações na representação derivadas deste sistema, bem como modificações que ocorrem no sistema preexistente pela representação social. É um processo de continuidade da objetivação e ao mesmo tempo ocorre simultaneamente a ela.

Para tomar-se as representações sociais como via analítica, basta perceber que o contexto social, no qual foram gestadas tais representações, representa uma via para a compreensão e o entendimento do sujeito envolvido com a referida pesquisa. Uma vez que é na organização das relações e das trocas sociais, mediadas por instituições políticas e sociais, que vem se constituindo o pensamento social, acreditamos que é por intermédio deste mesmo contexto social que o sujeito deve ser compreendido. Neste sentido, a história social brasileira vem produzindo uma matriz cultural, atualizada e redimensionada ao longo do tempo. Suas expressões e formas de sociabilidade propiciam fundamentos para a criação de representações sociais mais recorrentes da criança e de seu desenvolvimento psíquico, físico, sócio, afetivo e intelectual, bem como de sua estruturação e formação específica e diferenciada.

5 - MÉTODO CANGURU COMO UM MEIO FACILITADOR AO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E AFETIVO DO BEBÊ

Esta metodologia de tratamento deve ser considerada pelo seu componente psico-afetivo, o qual traz em seu âmago a prática da humanização do atendimento perinatal, tão enfatizada no início do ano de 1900 pela escola francesa de Pierre Budin. Receber a mãe, nesse momento, significa oferecer um espaço físico, uma acomodação, tanto para seu repouso, como para sua permanência com o bebê colocado em posição canguru. Uma

proximidade maior e um tempo de contato extenso fazem surgir novas questões para a mãe. E de tal modo, cabe citar Tavares Musa:

O método Mãe - Canguru é uma tecnologia humana de cuidado dos bebês prematuros e de baixo peso onde mãe e recém nascido ficam em contato pele-a-pele, trocando calor, amor e possibilitando uma amamentação em livre demanda.

Da mesma maneira, uma escuta atenta e compreensiva, em relação aos sentimentos expressados a partir desse contato tão íntimo com o bebê, é necessária, pois pode oferecer à mãe a experiência de estar sendo acolhida pela equipe, o que poderá servir de modelo na interação com sua criança. E a partir do momento em que a mãe se sentir segura, a equipe deve abrir mais espaço, deixando paulatinamente os cuidados que vinha desenvolvendo até então e funcionando basicamente como suporte e orientação.

Durante o tempo em que a mãe encontrar-se tão disponível para o bebê, o apoio da família pode fazê-la sentir amparada. É importante a presença do companheiro, visitando e acompanhando todo o processo da internação. O pai também deve ser estimulado a colocar o filho na posição canguru, para que, desta forma, ele estreite os laços afetivos, reforçando e nutrindo os investimentos que ela realiza em relação ao filho.

O Método Canguru, situação em que a mãe e o filho ficam em contato corpo a corpo envoltos por uma faixa, representa uma via que propicia o estabelecimento de um vínculo afetivo entre mãe e filho. Essa situação pode ser marcada por fortes emoções, conflitos e sentimentos, em especial, pelo fato de que a gravidez não ter chegado a termo e pela possibilidade de a mãe não ter desenvolvido habilidades para lidar com o bebê. Esta técnica representa um meio facilitador de ganhos psíquicos e emocionais para ambos.

5.1 - A ORIGEM DO MÉTODO CANGURU

O Método Canguru foi idealizado na Colômbia no ano de 1979 com o objetivo de diminuir a mortalidade neonatal elevada naquele país. Pensava-se que colocar o bebê recém-nascido contra o peito da mãe, promoveria maior estabilidade térmica, substituindo as incubadoras e permitindo alta precoce, menor taxa de infecção hospitalar e, como consequência, uma melhor qualidade no atendimento. Outro benefício apresentado seria um menor custo para o sistema saúde.

No entanto, esta técnica não apresentou o aumento esperado na sobrevivência destes bebês nascidos prematuramente. Mas a atitude de proporcionar um contato pele a pele precoce entre a mãe e o seu bebê mostrou desenvolver um maior vínculo afetivo e um melhor desenvolvimento da criança. Desde então, o ato de carregar o recém-nascido prematuro de contra o peito materno ganhou o mundo recebendo adeptos e opositores.

No Brasil, os primeiros hospitais a trabalhar com a posição canguru, foram os hospitais Guilherme Álvaro, em Santos-SP, e em seguida o Instituto Materno e Infantil de Pernambuco, na cidade do Recife-PE. A partir de então, vários hospitais brasileiros começaram a utilizar o atendimento humanizado a recém nascidos de baixo peso ou o método canguru. Esta nova tecnologia fora por vezes utilizada em situações sem a metodologia e critérios adequados.

Dessa forma, o Ministério da Saúde, através da Área Técnica da Saúde da Criança e com a colaboração de renomados consultores de diferentes especialidades responsáveis pela atenção à mulher e ao recém nascido de baixo peso, resolveu padronizar esse tipo de atendimento. O objetivo maior dessa ação foi o de estabelecer uma mudança no paradigma da atenção ao recém-nascido, objetivando cuidados técnicos humanizados, que promovam uma atenção melhor à mãe, ao recém nascido e a sua família.

5.2 - DADOS HISTÓRICOS NO BRASIL

Em junho de 1999, a Área da Saúde da Criança da Secretaria de Políticas de Saúde do Ministério da Saúde, após quase um ano de pesquisas e observações, redigiu uma minuta de norma para o atendimento humanizado ao RN de baixo-peso e estabeleceu um grupo de trabalho com membros de várias entidades como: a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), a Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), a Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), além de representantes de universidades brasileiras (Universidade de Brasília - UnB e Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), hospitais públicos (Instituto Materno e Infantil de Pernambuco - IMIP, Fundação Hospitalar do Distrito Federal – FHDF e Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Dessa reunião surgiu a Norma de Atenção Humanizada ao Recém-Nascido de Baixo-Peso (Método Mãe Canguru). Essa norma foi oficialmente apresentada no dia 8 de dezembro de 1999 pelo Ministro da Saúde (Dr. José Serra), em seminário realizado no Rio de

Janeiro, sob o patrocínio do BNDES. Após esse evento, no dia 2 de março de 2000, o Ministério da Saúde publica a portaria número 72, que inclui o procedimento - Atendimento ao Recém Nascido de Baixo - Peso - na tabela do Sistema de Internações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), a remuneração desta modalidade de atendimento. Em 5 de julho do mesmo ano, a portaria do gabinete do Ministro da Saúde, de número 693, estabelece a Norma de Orientação para a Implantação do Projeto Mãe Canguru.

6 - CONTEXTUALIZAÇÃO

São apresentados a seguir o tema, o problema, os objetivos e as hipóteses que conduziram o curso desta pesquisa.

TEMA: estudo da subjetividade presente na relação *mãe-e-filho*.

PROBLEMA: quais os aspectos subjetivos gerados pela família colaboram para o desenvolvimento dos bebês?

OBJETIVO GERAL: estudar os aspectos subjetivos presentes na relação *mãe-e-filho*, que propiciem o desenvolvimento da criança nascida prematuramente e o impacto gerado na subjetividade da respectiva família.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: estudar as expectativas da família relacionadas ao nascimento do bebê; estudar os padrões de relacionamento da família com o bebê; estudar o impacto do nascimento prematuro do filho na vida dos pais; estudar os aspectos subjetivos gerados pela interação *mãe-e-filho* colaboram para o desenvolvimento dos bebês.

As hipóteses levantadas referentes a este tema são relativas aos aspectos subjetivos presentes na relação *mãe-e-filho* que podem contribuir para o desenvolvimento saudável das crianças. Outra hipótese a ser destacada está relacionada com as expectativas da família quanto ao nascimento da criança, o que pode gerar padrões relacionais que colaboram para o melhor desenvolvimento e estruturação dos bebês, tal como uma comunicação afetiva dos pais com o bebê. O impacto do nascimento prematuro da criança pode alterar a dinâmica familiar de forma a interferir no desenvolvimento do bebê. O nascimento prematuro do filho pode interferir na forma dos pais se portarem diante das dificuldades do dia-a-dia e, ainda, ser um fator a interferir na subjetividade dos pais, representando outras hipóteses levantadas acerca da temática estudada.

Este trabalho ilustra a necessidade de tecer correlações entre as teorias clássicas, tais como, a teoria *Winnicottiana*, que trata da dinâmica relação *mãe-e-filho* como um meio essencial de promoção de saúde mental, pois é por intermédio desta relação afetiva, amorosa e cuidadosa que mãe e filho se unirão para que, posteriormente, se separem e se individuem. Teorias mais recentes, como a da Narratividade, têm o sujeito co-construído por intermédio de uma relação saudável e de entrega mútua. Outra teoria pós-moderna que merece destaque é a teoria da Subjetividade, que trata de sujeitos que recebem e exercem influência do social para se construir, enquanto sujeitos.

Finalmente, o interesse, sobretudo, foi indicar que as teorias clássicas e teorias mais recentes podem se complementar, por abrangerem os mesmos conceitos, e por terem como objetivo a construção e compreensão de homem saudável. Outro eixo destacado são as inter-relações entre os conceitos aqui apresentados.

CAPÍTULO METODOLÓGICO

EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA UMA ALTERNATIVA PARA O ROMPIMENTO COM O PARADIGMA POSITIVISTA

1 - O QUE É A EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA?

Atualmente, ocorre uma transição do paradigma epistemológico positivista empirista quantitativo, em pesquisa, para o paradigma epistemológico qualitativo, o qual valoriza a construção da informação, por intermédio de uma natureza construtiva-intrepretativa, priorizando o estabelecimento de uma relação interativa entre pesquisador e pesquisado, onde a singularidade de cada caso apresenta-se como via de produção de conhecimento.

Segundo González Rey (2004), a Epistemologia Qualitativa prioriza o estudo dos processos subjetivos; é uma forma particular da Epistemologia da Complexidade que tem Edgar Morrin como principal representante; possui o enfoque nos processos de construção social do conhecimento a partir das ciências sociais.

Uma pesquisa eficaz é um processo no qual o entrevistado pode verbalizar suas premissas ou conversações nas quais está envolvido, demonstrando a sua subjetividade e a configuração de seu cenário subjetivo. E a construção da informação emerge como uma responsabilidade que é científica e, ao mesmo tempo, ética e social.

A metodologia qualitativa de pesquisa depende da qualidade da relação existente, ou seja, a qualidade do *rapport* existente entre pesquisador e sujeito pesquisado. O objetivo de tal relação é o “estudo” das configurações subjetivas do cenário subjetivo no qual o sujeito está inserido. A construção da informação é realizada juntamente com o sujeito e envolve a subjetividade de ambos (pesquisador e pesquisado). Na concepção de González (2002, pág. 29):

A epistemologia qualitativa é um reforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia o que permite a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica que representa a subjetividade humana.

Na citação anterior, González Rey afirma que a epistemologia qualitativa representa uma nova modalidade de produção de conhecimento e que parte de uma realidade diferenciada, plurideterminada, singular, interativa. Dessa forma o pesquisado não está isento de suas produções, pois esta é construída numa relação de interação e trocas mútuas, onde pesquisador e pesquisado aprendem e co-constroem uma pesquisa. A pesquisa qualitativa é apresentada como processo de tensão intelectual permanente. As idéias surgem a qualquer momento da vida do pesquisador, não apenas quando ele está atuando no campo de pesquisa. Por isso, a possibilidade de que exista a neutralidade nessa situação é nula, visto que o pesquisador está implicado com seu trabalho. Nessa modalidade de pesquisa os resultados são momentos parciais que se integram constantemente com novas perguntas e abrem novos caminhos à produção de conhecimento. Essa produção de conhecimentos combina processos de produção teórica e empírica e não segue de forma rígida e linear qualquer das duas vias de pesquisa: indução ou dedução. González Rey escreveu (2002, p.28):

A ciência não é só racionalidade, é subjetividade em tudo que o termo explica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo da vida humana, que se realiza através de sujeitos individuais, nos quais a sua experiência se concretiza na forma individualizada de sua produção.

Com o exposto fica possível compreender que as emoções e a individualização, características negadas no mundo moderno, ou poucas vezes valorizadas nesta epistemologia, recebem lugar de destaque no processo de construção da informação, pois a neutralidade não é mais uma variável a ser evitada a todo custo. As emoções são relacionadas com as configurações subjetivas do sujeito. Portanto, as emoções são partes da subjetividade individual e exercem influência nas atitudes, na vida do indivíduo como um todo.

Então, há uma virada no meio científico, uma libertação do discurso científico, quando passa a ser reconhecido o papel construtivo do observador, mais especificamente o reconhecimento da função construtiva que os indivíduos possuem nas suas relações com o mundo. O conhecimento nasce de uma constante construção auto-referenciada e de suas próprias verificações (descrições), envolta em suas crenças e premissas, conforme citado por Fruggeri apud Mc Namee & Gergen (1998, p.51):

A definição do conhecimento como um processo auto-referenciado, é o ponto de partida para a elaboração de um paradigma científico que não pode se sustentar na objetividade, em uma única linguagem descritiva precisa ou em uma referência conceitual universal. Um paradigma que não separa o estudo de um objeto do estudo do sujeito que o conhece.

A afirmativa de Fruggeri converge com a tese defendida por González Rey, no que diz respeito à objetividade, neutralidade, universalidade, linearidade, ou seja, à necessidade de romper com tais *a priori*s. Representa uma via de produção para um novo pensar, um novo paradigma, onde a produção de conhecimento seja um processo auto-referenciado, onde não exista a necessidade de separar sujeito estudado de pesquisador, para que não ocorra a contaminação da pesquisa, base do paradigma positivista. Nessa epistemologia, pela qual este trabalho está sendo baseado, quando o pesquisador possui um vínculo com o sujeito pesquisado e está intimamente ligado de forma afetiva ao problema da pesquisa, ocorrem mais facilmente os processos de mudança e a pesquisa pode realmente acontecer de forma efetiva, tanto para o pesquisador, como para o pesquisado.

Segundo Turato (2003, p. 257), a pesquisa deve ocorrer em ambiente natural, pois é onde as informações realmente se situam. O pesquisador constrói a sua teoria com os elementos encontrados em campo sem se prender a seu objetivo inicial. Ele se apresenta como instrumento da pesquisa, uma vez que é por intermédio de sua percepção que irá registrar os fenômenos, representados pela sua consciência e elaborados pela sua introspecção e reflexão pessoal a respeito do tema estudado. Segundo Neubern (2004) “*cabe ao terapeuta, observar e qualificar as informações oriundas das mais distintas expressões do sujeito, desenvolvidas em seu cenário*”.

Nessa perspectiva, as inquietações do pesquisador estarão presentes no curso da pesquisa, trazendo seu significado. A subjetividade do pesquisador sempre está presente (sua experiência de vida, suas concepções teóricas suas idéias frente ao sujeito). Os sujeitos pesquisados desempenham um papel essencial e singular onde a maturidade e o interesse são responsáveis pela qualidade de sua expressão. Tal responsabilidade está vinculada com a qualidade do vínculo estabelecido com o pesquisador.

A construção da informação no momento empírico é um processo complexo e irregular que passa por diferentes momentos antes que a informação adquira sua importância científica. Não parte apenas de dados coletados a partir de entrevistas estruturadas, mas de idéias, conceitos e construções integradas nessa produção de informação. O contexto interativo e o tecido relacional da pesquisa determinam o valor da qualidade da informação.

A construção do conhecimento na pesquisa qualitativa é um processo diferenciado que avança por rotas e níveis diferentes sobre o estudado e encontram seu ponto de convergência no pensamento do pesquisador. É preciso reconhecer o caráter singular do estudo. A pesquisa qualitativa é processo permanente de produção de conhecimento em que os resultados são momentos parciais que se integram constantemente com novas perguntas e abrem novos caminhos à produção de conhecimento.

A utilização de Epistemologia Qualitativa no curso desta pesquisa se deu por identificação pessoal, pois ao entrar em contato com a referida teoria ela veio ao encontro com o que eu, particularmente, pensava para a atuação enquanto psicólogo-pesquisadora. Por representar um novo pensar, a epistemologia qualitativa, ao defender a aproximação do pesquisador com os sujeitos pesquisados, por descartar a neutralidade (que em meu pensar é um fator inviável), propiciou para mim, enquanto estudiosa de psicologia, uma ética e uma responsabilidade para com o sujeito pesquisado e com a informação construída neste processo.

2 - CENÁRIO DA PESQUISA

Para que este projeto fosse realizado a pesquisadora utilizou os princípios da Epistemologia Qualitativa de pesquisa como via que possibilita produção de conhecimentos a respeito da temática estudada. A escolha do instrumento - complemento de frases - partiu do pressuposto de que o método permite uma flexibilidade e possibilidade para que o sujeito expresse as questões que lhe causam conflito de uma forma indireta.

3 - INSTRUMENTOS

Os instrumentos de uma pesquisa devem possuir um sentido interativo, pois devem ter uma característica de propiciar uma conversação entre pesquisador e pesquisado. Outro fator importante a ser destacado é o de que não existe uma relação linear entre os instrumentos e sua qualidade, pois a informação surgida nos momentos informais da pesquisa também possui “validade” para a construção da informação.

Segundo Turato (2003, p. 257), o pesquisador deve ser o principal instrumento da pesquisa, por ser a partir de sua percepção que ele trabalhará os conteúdos apresentados pelo sujeito pesquisado no curso da pesquisa. Os demais instrumentos são apenas auxiliares para a construção de uma nova zona de sentido, partindo de sua “*compreensão e*

interpretação do fenômeno estudado”. A introspecção e a reflexão por parte do pesquisador deve ser parte do contexto em que ocorre a pesquisa.

De acordo com González Rey (2002, p. 80), os instrumentos devem ser ferramentas interativas que permitam ao pesquisador uma multiplicidade de usos no processo investigativo. Portanto, o instrumento não se apresenta como uma via objetiva que gera resultados definitivos a respeito da natureza do objetivo estudado.

3.1 - COMPLEMENTO DE FRASES

Esta técnica, caracterizada pelo complemento de frases, a partir de palavras geradoras de sentido, foi utilizada pela primeira vez por Rotter, na década de 50. Ele idealizou que, por meio de frases incompletas, a pessoa poderia manifestar questões e ou queixas presentes em sua personalidade. Esta modalidade instrumental originou-se das técnicas projetivas, e González Rey embasando-se na teoria da subjetividade elaborou o complemento de frases, onde a pessoa representaria características de sua subjetividade. Por isso, cabe citar Rotter (1967, p. 108):

A esses instrumentos dá-se o nome geral de técnicas projetivas, em lugar de testes, porque a sua administração é informal e a contagem de pontos e interpretação mais subjetiva. Usualmente, pede-se a um sujeito que execute uma tarefa simples, mas imaginativa - fazer alguns desejos, concluir algumas frases incompletas, contar histórias a respeito de desenhos ou explicar que classes de associações são suscitadas a partir de por espécies particulares de estímulos. Parte-se do princípio, nestes testes, de que tudo o que um sujeito apresentar, seja imaginativo ou organizacional, revela características importantes da sua própria personalidade.

Na referida citação, Rotter afirma que as técnicas projetivas, por serem de cunho subjetivo, permitem ao sujeito a projeção de seus conteúdos ou áreas em que, possivelmente, possa estar se defrontando em sua vida. De uma forma indireta é possível que o sujeito dê novos sentidos a tais questões, mesmo que sejam carregadas de uma carga emocional.

Já González Rey utiliza o complemento de frases como via produtora de sentidos subjetivos, onde o sujeito possa projetar seus sentimentos e emoções a partir de palavras geradoras de sentido, e assim priorizar a “verbalização” de tais sentimentos, mesmo que de uma forma indireta. Por ser um instrumento flexível, ele permite que o pesquisador tenha acesso a aspectos gerais da subjetividade do sujeito e da família, o que permite analisar questões importantes tais como: projeção para o futuro, tendências motivacionais, valores.

Esta técnica tem vantagem interpretativa não só pelo conteúdo, mas pelas respostas dadas e que, por vezes, podem não estar diretamente correlacionadas com a palavra geradora de sentido para aquela pessoa (informação verbal).

3.2 - CONVERSAÇÃO

A conversação será utilizada como uma via de produção de conhecimento a partir de uma relação permissiva, em que será priorizada uma escuta diferenciada. É necessário o estabelecimento de um vínculo inicial entre pesquisador e pesquisado, para que assim se configure um cenário de forma que o sujeito possa sentir-se à vontade para se posicionar frente aos instrumentos utilizados. O diálogo entre os sujeitos envolvidos na pesquisa apresenta-se como fonte geradora de conhecimento co-construído. Ou seja, a expressão singular de cada sujeito está correlacionada com qualidade do vínculo. González Rey escreveu (2002, p. 55):

O potencial de uma pergunta não termina em seus limites, mas se desenvolve durante os diálogos que se sucedem na pesquisa. O diálogo não representa só um processo que favorece o bem-estar emocional dos sujeitos que participam na pesquisa. Mas, é fonte essencial para o pensamento e, portanto, elemento imprescindível para a qualidade da informação produzida na pesquisa.

A conversação no curso da pesquisa deve priorizar o estabelecimento de um clima tal que seja possível o estabelecimento de um contexto interativo e que permita a interação, envolvimento e motivação dos sujeitos envolvidos no curso da pesquisa. Com isso, a pesquisa é co-construída entre pesquisador e pesquisado, pois a construção da informação acontece durante todo processo da pesquisa.

4 - DEFINIÇÃO DE SUJEITOS PARTICIPANTES

Na pesquisa qualitativa a amostra dos sujeitos a serem estudados independe de um *a priori*, pois é importante que estude o fenômeno e a forma como o sujeito o apresenta ao pesquisador e juntamente, pesquisador e pesquisado, vão dando novas dimensões a tal fato, e cargas emocionais presentes em suas respostas de forma que se construam novas informações ou conhecimentos.

Por isso, o sujeito pesquisado foi convidado particularmente a participar da pesquisa. Foram realizadas entrevistas para o estabelecimento do *rapport* entre pesquisador e

sujeito pesquisado e, num momento seguinte, foi aplicado o questionário complemento de frases (anexo I), que foi, posteriormente, discutido com a entrevistada com o intuito de esclarecer dúvidas.

5 - DESENVOLVIMENTO DA CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

A construção da informação no curso da pesquisa é um processo complexo e exige certa aptidão por parte do pesquisador para que possa estabelecer um *setting* de entrevista de forma a levar o entrevistado a falar a respeito dos temas a serem estudados, a partir de uma relação estabelecida entre os envolvidos. Desta forma, a implicação do entrevistador com a pesquisa pode levá-lo a estabelecer os indicadores necessários para a construção da informação. Na epistemologia qualitativa não existe uma relação linear e isomorfa no desenvolvimento da pesquisa, pois as construções ocorrem na medida em que os diálogos acontecem.

5.1 - INDICADORES

Segundo González Rey, os indicadores permitem ao pesquisador transcender os limites do óbvio e até do próprio indicador produzido, que é uma condição para o surgimento do próximo indicador que acontece a partir da significação produzida na construção teórica. Isto só é possível devido a uma flexibilidade presente no curso do processo dos instrumentos e da pesquisa em si. Portanto, González Rey (2002, p.158) afirma que:

O indicador se legitima na qualidade integral do estudado, não como entidade abstrata portadora de um valor geral suscetível de converter-se em unidade de comparação entre qualidades diferentes. Desta forma é adotado o dado da epistemologia subjacente à pesquisa quantitativa, em que conclusões são apoiadas em critérios de quantidade.

Assim, os indicadores são partes do processo de construção da informação, de forma que é por intermédio deles que o pesquisador poderá gerar novas representações acerca do fenômeno estudado. Os indicadores dão sinais de que podem ocorrer mudanças no cenário configuracional subjetivo do sujeito da pesquisa.

5.2 - NÚCLEOS TEMÁTICOS

O estabelecimento de núcleos temáticos representa um dos mais ricos para a produção de conhecimentos, pois, permite ao pesquisador a formulação de questões que aparecem no curso da pesquisa. O estabelecimento de tais núcleos ocorre concomitantemente à criação dos indicadores, porquanto representam um processo constante de produção de pensamento nos momentos de integração e generalização.

Segundo González Rey, é por intermédio dos núcleos temáticos que é possível ao pesquisador entrar em contato com novas zonas do sujeito, as quais conduzirão a novos núcleos que poderão se integrar as anteriores ou até mesmo negá-las, mas, que não poderia ser construída sem elas.

5.3 - CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO & LEVANTAMENTO DE HIPÓTESES

De acordo com González Rey (2002), as hipóteses devem ser de caráter temporário, pois devem seguir o curso da pesquisa aliada a produção de indicadores para que facilitem a produção de informações.

Consoante Turato (2003), as hipóteses representam o meio para o empreendimento de uma pesquisa. Elas são parâmetros básicos para que o pesquisador encaminhe com sua pesquisa, ou seja, elas possuem o *status* de linhas reguladoras de um caminho a ser seguido, mesmo que seja necessário que se altere ou se refaçam as hipóteses no decorrer de uma pesquisa.

O processo de construção de informação se deu a partir do levantamento das hipóteses aliado ao estabelecimento de indicadores, bem como dos núcleos temáticos obtidos a partir das conversações e das respostas do complemento de frases, instrumento utilizado. As hipóteses, os indicadores e os núcleos temáticos, levantados no curso do processo de construção da informação, nos permitiram perceber questões relacionadas à subjetividade familiar e ao desenvolvimento de seus filhos nascidos prematuramente. Para ilustrar tal processo realizou-se uma tentativa de construir as configurações de sentido subjetivo dos cenários do sujeito pesquisado, de maneira a permitir uma melhor visualização dos indicadores e das formas relacionais e comunicacionais presentes na subjetividade da mãe, e da forma que a mãe vivencia um momento importante do ciclo de vida, marcado pelo nascimento de um filho.

CAPÍTULO EMPÍRICO

APRESENTANDO A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO - UM ESTUDO DE CASO

1 - LÓGICA CONFIGURACIONAL

Segundo González Rey (2002), historicamente os processos de construção da informação partem de dois processos, a indução ou a dedução, os quais partem de princípios da utilização de uma sequência linear, ordenados e regulares, com o intuito de legitimar uma informação. A proposta para a construção de informação desta pesquisa é a lógica configuracional, por representar um processo que possui características empíricas como de proposições conceituais, as quais são seguidas pelo pesquisador. No entanto, tais proposições não são criadas pelo pesquisador com intuito de confirmar suas hipóteses estabelecidas *a priori*, pois estas têm a função de um norte para o pesquisador e não uma verdade a ser seguida.

Tal proposta foi adotada por representar uma via de acesso ao processo irregular e constante, onde a neutralidade não está presente, pois o pesquisador também é parte de sua pesquisa. Por isso, cabe citar González Rey (2002, p. 128):

No entanto, a ciência não é o seguimento do caminho puro e acético de uma lógica programada nos fatos, ou na mente do pesquisador, como sugerem as alternativas empiristas e racionalistas, mas é um processo complexo que envolve o pesquisador de forma simultânea em diferentes dinâmicas contraditórias, das quais só pode sair por intermédio da elaboração de opções que lhe permitam atribuir sentido a determinadas áreas dessas dinâmicas, cujo desenvolvimento conduzirá de forma progressiva a outros aspectos do estudado, o que leva ao estabelecimento de uma nova teoria.

Na citação anterior, González Rey afirma que o rompimento com o paradigma vigente positivista cartesiano, onde o pesquisador busca a neutralidade com o intuito de não contaminar os dados de sua pesquisa e ainda visa à linearidade dos fatos. Constitui-se em um novo pensar em que o pesquisador, ao estar diretamente implicado com sua pesquisa, apresenta-se como uma via de construir a informação que é legítima. Pois ele está envolvido

em um processo complexo, irregular, por vezes contraditório e de tensão constante, fatos que constituem o estabelecimento de uma nova teoria.

De acordo com González Rey (2002, p. 132), a lógica configuracional possui características fundamentais as quais devem ser destacadas. São elas:

- possui objetivo de expressar os processos complexos que acompanham a produção teórica;
- representa um processo complexo e plurideterminado;
- um novo elemento pode representar uma mudança no curso da pesquisa bem como na qualidade da mesma.
- múltiplas formas de informações (teorias já existentes bem como as novas idéias do pesquisador);
- não representa um processo consciente e intencional do pesquisador;
- o pesquisador de forma criativa organiza a diversidade das informações estudadas e de suas idéias em eixos de produção teórica.

2 - A LEGITIMIDADE NO CURSO DA PESQUISA

Na pesquisa qualitativa a legitimidade não é representada pelo valor que é atribuído à validade do conhecimento, confirmada pelos dados (característica da pesquisa quantitativa - paradigma positivista). No entanto, representa a viabilidade da informação construída na pesquisa a partir dos indicadores e da lógica configuracional constituídos pelo pesquisador. E assim vale citar González Rey (2002, p. 134):

O conhecimento não se legitima por sua correspondência isomórfica e linear com a realidade externa a ele; se assim fosse, não poderia expressar as construções e se reduziria a conceitos descritivos possíveis de serem definidos de forma direta na realidade imediata.

Com a citação anterior é possível constatar que a existência de uma não-linearidade corresponde a uma forma de estabelecer novas construções teóricas do objeto estudado, a partir da realidade em que se encontra, podendo representar uma área da realidade.

3 - APRESENTAÇÃO DO CASO

O sujeito pesquisado tem 40 anos de idade. É pedagoga, orientadora educacional, faz pós-graduação em psicopedagogia, é servidora pública e atua como professora numa escola pública da Secretaria de Estado de Educação. Mora em Brasília há 12 anos e sua família de origem e a família de seu marido moram no interior do Piauí. Relata não ter muitas pessoas a quem recorrer em momentos de emergência, pois tem somente duas amigas que residem em outra cidade satélite, o que a faz sentir falta de apoio da família. Ela é mãe de quatro filhos, sendo que as duas primeiras gravidezes foram planejadas e a terceira gravidez gemelar não foi planejada. Mas, segundo a entrevistada, foi um presente de Deus.

Quando o filho mais novo tinha dois anos de idade, ela tentou engravidar para ter uma filha, e ela e o marido foram clinicamente diagnosticados como estéreis, não havendo a possibilidade de gerarem filhos. Com isso, ela deu novos direcionamentos a sua vida e, após sete anos de nascimento de seu segundo filho, ela sente seu corpo estranho, o abdômen começou a distender, ela sentia-se indisposta. Ao procurar um médico, fez exames de sangue (Beta HCG quantitativo) que descartaram a hipótese de gravidez, tendo sido solicitados novos exames para o diagnóstico de seu “problema”. Segundo ela relatou, sentiu temor de ser uma doença grave o que fez com que tivesse ficado muito abalada, tendo chorado bastante.

No entanto, ao realizar uma ultrassonografia, foi detectado que ela estava grávida de gêmeos e, num primeiro momento, ela sentiu alívio por não ser uma doença grave, mas, a seguir, afirmou que se preocupava com a questão financeira, uma vez que seu salário estava comprometido com outras dívidas e com a reforma da casa em que residem, cedida pelo Comando do Exército, órgão que o marido trabalha. Perguntava-se como as crianças nasceriam, visto que ela já tinha 39 anos de idade.

Por estar com a idade avançada, sua gravidez teve que ser cercada de cuidados e da realização de vários exames, para verificar a possibilidade de Síndrome de Down ou outras anomalias nos bebês ou nela mesma (hipertensão, diabetes gestacional, parto prematuro, etc), o que a angustiava e a deixava tensa. O nascimento dos bebês ocorreu após 36 semanas de gestação. Somente um deles necessitou de ir para a incubadora e de fazer uma cirurgia após o nascimento. Tal fato possibilitou uma reaproximação dela com o marido, pois eles começaram a compartilhar mais o dia-a-dia a educação dos filhos e os cuidados com os gêmeos.

4 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS / UNIDADES DE ANÁLISE

UNIDADE DE ANÁLISE UM:

1. **Eu gosto**
da vida.
2. **O tempo mais feliz**
fazer as coisas que dão prazer, me divertir, dançar, uma época foi a adolescência.
3. **Gostaria de saber**
dividir meu tempo de forma a realizar vários projetos ao mesmo tempo.
4. **Lamento**
não ter viajado mais vezes pelo Brasil antes de ter meus filhos.
5. **Meu maior medo**
a morte.
6. **As mulheres**
lindas em todas as fases da vida.
7. **Não posso**
mudar o mundo, porém, procuro fazer a minha parte.
8. **Sofro**
Por morar longe de meus entes queridos.
9. **Fracassei**
ao não ser aprovada no vestibular pela primeira vez.
10. **O sucesso**
trabalhar com o que te dá prazer.

Na análise das questões de um a dez foi possível inferir que o sujeito pesquisado demonstra possuir uma imagem positiva de si, e de gênero (“*As mulheres lindas em todas as fases da vida*”), o que fica evidenciado nos itens 1, 6, 7 e 10. Ao relatar que gosta de viver (questão 1) reforça a idéia de que ela possui uma imagem positiva de si. Ela possui boas expectativas com relação ao seu trabalho, sendo este uma fonte de gratificação e prazer, e o atribui como fator que promoverá o sucesso no futuro, “*o sucesso é fruto de se trabalhar com o que dá prazer*” (item 10).

Dá indícios de que o presente está diretamente ligado ao passado e com aspectos de sofrimento pelo fato do sujeito morar longe de seus entes queridos. Assim, é possível inferir que ela possui um bom referencial com relação a sua família de origem. Esses aspectos que podem ser verificados nos itens 2, 4, 8, 9.

Ela demonstra sentir-se pouco hábil para administrar seu tempo de forma que não consegue realizar todos seus projetos, o que dá indícios de frustração com relação ao tempo presente, “***gostaria de saber dividir meu tempo de forma a realizar vários projetos ao mesmo tempo***”.

E ao relatar que o tempo mais feliz foi na adolescência, por fazer coisas que dão prazer e se divertir, pode ser indícios de que existe uma situação conflitiva em seu presente que pode estar interferindo em vida (questão 2). No entanto, a sensação de fracasso, em sua fala, apresenta-se no passado: “***fracassei por não ser aprovada no vestibular pela primeira vez***”; o que reforça a idéia de que o sucesso está relacionado ao trabalho e que este será alcançado no futuro.

Quando respondia a questão 5 (“**Meu maior medo: a morte**”), ela disse “*que ao tornar-se mãe, a mulher não tem o direito de morrer, pois, quem irá cuidar, dar amor, orientar os filhos*”. Pode ser um referencial positivo relacionado à maternidade, e uma indicação que se preocupa com o seu próprio futuro e de seus filhos. No entanto, ela não cita os filhos em outras questões (que dão espaços para isso), e a única referência apresentada até o momento foi na questão 4, “*lamento não ter viajado mais antes de ter tido filhos*”. Vale ressaltar que gravidez de seus filhos gêmeos não foi planejada, pois ela foi diagnosticada como clinicamente estéril, não podia ter filhos. Então sua vida tinha tomado novos direcionamentos, tais como, a compra de um carro novo, a reforma da casa, pós-graduação em psicopedagogia.

“***Não posso mudar o mundo. Porém, procuro fazer a minha parte***”, (questão 7), pode revelar que a pesquisada preocupa-se com aspectos/questões sociais.

UNIDADE DE ANÁLISE DOIS:

11. Meu futuro

brilhante por estar trabalhando para isso.

12. Se os homens

olhassem com outros olhos a vida não estaria, para muitos, tão difícil.

13. O casamento

um passo importante para complementar.

14. Este lugar

maravilhoso.

15. Minha preocupação principal

a fome.

16. Desejo

ser feliz.

17. Secretamente eu

gostaria de mudar muita coisa a meu redor.

18. Meu maior problema

não ter poderes para realizar o item 17.

19. O trabalho

maravilhoso dentro da sala de aula.

20. Amo

minha família.

A análise do item 20 “*amo minha família*” confirma a hipótese de que sua família de origem ocupa espaço importante em sua subjetividade, e ao sentir-se privada da companhia destes entes queridos ela atribui sentidos de sofrimento por este estado de vida, o que reforça a hipótese levantada nos itens 2, 6, 8, “*sofro por morar longe de meus familiares*” (item 08).

Ao denominar “*este lugar maravilhoso*” (item 14), fazendo referência a sua casa, dá indícios de que existiu ou ainda existe harmonia familiar, referência positiva com relação ao marido e filhos. Entretanto, ela relata nos itens 17 e 18 que “*secretamente eu gostaria de mudar muita coisa ao meu redor*”, “*meu maior problema, não ter poderes para realizar o item 17*”, e, ao ser questionada a respeito destes fatores, ela relata que os irmãos do marido estão morando na casa deles e dependendo financeiramente de seu marido. Ela relata

por intermédio de uma conversa, que sente falta de espaço físico e de privacidade, que a casa está pequena para tantas pessoas, e que seu cunhado fuma em casa sem se preocupar com o bem estar das crianças, referência positiva com a maternidade.

O item 15 pode também confirmar esta hipótese, pois ela diz que sua *“preocupação principal é a fome”*, e a relaciona com questões de cunho social. Mas, em uma conversa informal ela relata que: tem muitas pessoas na mesma casa e com quatro filhos para criar a situação financeira fica difícil de ser administrada, mesmo porque, o enxoval e os gastos com os gêmeos são em dobro. Essa fala indica preocupação com o bem estar de seus filhos, com qualidade de vida e garantias de futuro. Representa um indicativo de que a maternidade constitui um aspecto positivo em sua subjetividade individual, mesmo que seja pela via de um relativo aspecto negativo, a “fome”.

Entretanto, a questão 12, *“se os homens olhassem o mundo com outros olhos a vida não estaria para muitos, tão difícil”*, indica novamente uma situação de conflito com as figuras masculinas. Ela não cita o pai especificamente, como faz em relação à mãe. Ela relata que sua mãe foi o seu espelho, pois foi nela que se inspirou para “batalhar” por um futuro confortável.

Mesmo assim, o sujeito pesquisado demonstra-se confiante com relação ao futuro, pois *“o futuro será brilhante por estar lutando para isso”* (item 11). O trabalho apresenta-se como fonte de satisfação pessoal pelo fato de que *“(...) é maravilhoso dentro da sala de aula”*, o que confirma a hipótese levantada nos itens 3 e 10.

UNIDADE DE ANÁLISE TRÊS:

21.Em relação aos afazeres domésticos, cabe a mim
quase tudo.

22.Eu prefiro
dormir.

23.meu principal problema
dinheiro.

24.Gostaria
de viver em um mundo mais justo.

25.Acredito que minhas melhores atitudes

ainda não são suficientes.

26.A felicidade

o hoje.

27.Ser pai

algo de muita responsabilidade.

28.Considero que posso

fazer sempre melhor.

29.Diariamente me esforço

para ser feliz sempre.

30.Sinto dificuldade

em administrar as despesas.

As respostas às questões de 21, 24 e 25 podem denunciar a existência de um conflito na relação conjugal, pois “**em relação aos afazeres domésticos, cabe a mim** quase tudo”, referindo-se à administração da casa, compras, contas a pagar. “**Gostaria de viver em um mundo mais justo**”, referindo-se a sua casa, e ao mundo/planeta terra, “**acredito que minhas melhores atitudes não são suficientes**”. Tais afirmações podem confirmar a hipótese levantada nos dois blocos anteriores, da existência de conflito na relação com o matrimônio. Esse fato pode ser justificado também na seção “devolutiva”: ela relatou que mesmo sendo responsável por tudo com relação aos filhos (tarefas de casa, médico, o que comprar, reuniões de pais) e também com relação à casa (compras), ela não se sente ouvida. “*Geralmente me sinto sobrecarregada*”. Há, portanto, indícios de que os afazeres e decisões não são compartilhados pelo casal. No relacionamento ela desempenha o papel de executora e ele (o marido é militar) é quem dita as normas.

As afirmações “**a felicidade** (o hoje)” e “**diariamente me esforço** (para ser feliz sempre)” - questões 26 e 29 - dão indícios que existe um movimento de superação do possível conflito existente entre marido e mulher. Na seção devolutiva ela disse: “*quando agente vive, casa, a gente tenta ser feliz, não é conformismo não, agente pensa que pode mudar, lutar para melhorar em todos sentidos*”.

As questões 23 e 30 demonstram a existência de uma preocupação direta com a questão financeira. O dinheiro é o seu principal problema e tem dificuldades em administrar as despesas, o que pode estar relacionado a uma possível situação em que sua família venha a passar fome. Essa hipótese pode ser confirmada com a análise da resposta à questão 15 do segundo bloco de análise, onde ela relata a fome como uma questão social. Mas, durante

conversas informais ela relata que na casa só dois trabalham, sendo que são nove pessoas (quatro crianças e cinco adultos) para comer, vestir, divertir e dividir o espaço. Essa situação a deixa aflita; diz sentir saudades quando moravam apenas ela, o marido e os filhos.

A questão 27 “**ser pai algo de muita responsabilidade**” me leva a pensar em duas hipóteses da maternidade: como “algo” prazeroso de estar com os filhos, brincar, divertir, aspectos positivos, e enquanto responsabilidade no sentido do trabalho que implica em ter um filho, de ter que orientá-lo, alimentá-lo, custear as despesas com a educação da criança. Essa hipótese é reforçada porque durante conversa informal ela relata que se indigna com mães que colocam filhos no mundo sem planejar ou refletir se terá condições ou não de educá-los. Tal afirmação relaciona-se diretamente a uma questão social. Todavia, ao mesmo tempo ela diz “*estou fazendo a minha parte batalhando, trabalhando para superar estas dificuldades financeiras*”.

UNIDADE DE ANÁLISE QUATRO:

31.Ser homem
muito fácil.

32.Sempre quis
ter seis filhos.

33.Eu gosto muito
do mar.

34.Luto
algo nem sempre agradável.

35.Com frequência sinto
saudades.

36.O passado
importante para o futuro.

37.Ser mãe
maravilhoso.

38.Minha vida futura
trabalhosa.

39.Farei o possível para conseguir

educar meus filhos.

40.Com frequência reflito
sobre a vida que levo.

A questão 31, associada à questão 40, reforça a idéia de que existe conflito com o marido. Ela sente que ser homem é fácil e, durante uma conversa informal, ela relatou que tem jornada dupla de trabalho (Possui o trabalho oficial, e em casa é a responsável por toda a administração do lar: compras, limpeza, pagamento de contas. Administração também a rotina dos filhos: levá-los a escola, tarefas de casa, banho, horários).

“**Com frequência reflito sobre a vida que levo**” (questão 40) pode apresentar-se também como um indicativo da ocorrência de conflito com relação ao marido. Ao relatar o corre-corre e os estudos, denota ter o sentido de uma situação financeira estável no futuro: *“sinto que eu tenho esta obrigação mesmo sendo questionada por minha mãe se isto vale a pena. Porque não existe o melhor momento. O melhor momento é a gente quem faz”*. Pode indicar também uma perspectiva de presente e de futuro positivas, confirmando a hipóteses levantadas anteriormente.

O referencial positivo da maternidade presente em sua subjetividade pode ser verificado nas questões 32, 37: “**sempre quis ter seis filhos**”, “**ser mãe maravilhoso**” indicam que o desejo pela maternidade é muito forte em sua vida; antes dos filhos nascerem ela já havia escolhido os seis nomes que eles teriam. Ao ser questionada se gostaria de ter mais dois filhos ela disse: *“eu tive cinco porque eu considero que naquele aborto de 12 anos atrás eu perdi um filho porque eu vivenciei um luto naquela época; eu chorei a sua perda até pouco tempo. Agora, respondendo à pergunta, eu não terei a minha filha, eu desisti, apesar de sempre pensar que ela seria a sexta a nascer. Esta semana meu marido vai fazer a vasectomia; as condições financeiras estão difíceis... então não dá para arriscar...”*.

Já nas questões 38 e 39, “**minha vida futura trabalhosa**” e “**farei o possível para conseguir educar meus filhos**”, respectivamente, a pesquisada refere-se a outro aspecto relacionado à maternidade, que pode indicar que a questão financeira está interferindo em sua vida e fazendo com que ela sinta que, com trabalho, pode almejar que será possível educar os filhos. Ela relata que, por vezes, se sente cansada de tanta correria; por ter que conseguir dinheiro. Mas, ao ver o sorriso dos filhos quando chega em casa, ela reforça as perspectivas de que um dia vai mudar e de que terá dinheiro para viajar de férias. Mesmo assim o que predomina em sua fala é o referencial positivo com relação à maternidade.

“Com frequência sinto *saudades*” (questão 35) e “o **passado importante para o futuro**” reforçam a hipótese da importância que a família de origem tem em sua vida. Já a questão 36 dá indícios de que o presente apresenta-se ligado a fatos do passado, confirmando a hipótese levantada nos blocos anteriores.

UNIDADE DE ANÁLISE CINCO:

41. Esperam que eu
faça tudo.

42. Dedico a maior parte do meu tempo
aos filhos.

43. Sempre que posso
caminho.

44. Ter filhos
sem palavras.

45. As contradições
são muitas.

46. Minha opinião
nem sempre conta.

47. Penso que os outros
são necessários em nossa vida.

48. O lar
muito cheio.

49. Me incomoda
a injustiça, a fumaça do cigarro do cunhado.

50. Ao me deitar
rezo pedindo por um mundo melhor.

“**As contradições são muitas**” (questão 45) está relacionado “*ao falar e o fazer*”. Está relacionado também à sua relação com o marido, uma vez que ele diz que vai mudar, fazer; “*mas, só me ajuda com os nenês à noite*”. Confirmam as hipóteses de situação conflitiva presente em relação ao matrimônio. No entanto, na questão 47, **penso que os outros** “*são necessários em nossa vida*” denota que a entrevistada sente necessidade de apoio

por parte do marido, mais do que ele tem oferecido (o cuidado com os bebês a noite)”. Mas, em conversas informais, ela relatou que: *“sinto que este é o começo, porque fui eu quem acostumei ele assim, mesmo vivendo em uma cultura machista (ele é militar), ele ainda é flexível, os maridos de suas vizinhas não são assim”*.

“Dedico a maior parte do meu tempo aos filhos”, “ter filhos sem palavras”, questões 42 e 44, respectivamente, indicam uma referência positiva relacionada à maternidade. Confirmam as hipóteses levantadas no curso da análise de que a maternidade ocupa um espaço positivo em sua subjetividade. Relata, ainda, que, mesmo com o dia agitado que leva, ela sempre busca um tempo para dar banho nos filhos, verificar os deveres de casa dos maiores, ou seja, fazer parte do dia das crianças, nem que seja os levando à escola e dialogando no caminho. *“Ter filhos representa uma coisa muito boa, porque completa, faz a gente ver o mundo de outra forma, faz com que agente fique mais cuidadosa com a gente mesmo.”*

A relação com a fome e com a falta de espaço e de privacidade é novamente apresentada pela entrevistada na questão 49. **“Me incomoda a injustiça, a fumaça do cigarro (do cunhado)”** confirmam as hipóteses de uma possível preocupação social a exemplo de: *“é injustiça ver pessoas morando em barracas de lona; às vezes são crianças recém nascidas ou grávidas. Isso me comove e faz com que eu sinta injustiça”*. Entretanto, esta fala pode estar indiretamente relacionada com a questão 48, **“o lar muito cheio”** e com a preocupação com o número de pessoas que são, no total, nove e apenas duas estão trabalhando e as *“despesas estão ficando cada vez mais difíceis”*. O sujeito entrevistado se refere aos cunhados como *“pessoas que não têm instrução e que a possibilidade de serem empregados em Brasília com um bom rendimento é mínima”*.

UNIDADE DE ANÁLISE SEIS:

51.Os homens

São tantos em minha vida (não tem irmãs, filhas, mãe mora longe).

52.As pessoas

só as boas contam.

53.Uma mãe

minha avó materna.

54.Sinto

saudade.

55.Os filhos

lindos.

56.Quando era criança

dava muito trabalho a minha mãe.

57.Quando tenho dúvidas

ligo para minha mãe.

58.Ser mulher

é difícil.

59.No futuro

quero poder morar perto da minha família.

60.Necessito

de mais paz.

Na questão 51, “**os homens são tantos em minha vida**”, a entrevistada apresenta o relato de que não tem irmã, não teve filha e que sempre foi muito próxima de sua mãe. Dessa forma, é possível inferir que a família de origem, principalmente, a mãe ocupa espaço importante em sua subjetividade. Nas questões 53 e 54, “**uma mãe** *minha avó materna*” e “**sinto saudade**” reforçam a hipótese apresentada no curso da entrevista de que a família é um aspecto importante ao qual ela atribui significados positivos, relacionados à figura feminina. Pode-se deduzir que ela tem uma imagem positiva do sexo feminino, possuindo, por consequência, uma boa imagem de si mesma. Durante conversas informais, ela relata que a “*avó era uma pessoa fantástica, uma verdadeira filósofa, foi alfabetizada no Mobral (programa que alfabetiza adultos) e sempre lutou para que os filhos estudassem e sempre relatou que seu maior orgulho era ver os netos se formando na faculdade. Então ela sempre foi um exemplo para mim, de garra dedicação*”. Tal assertiva vem confirmar a hipótese levantada no primeiro bloco de questões. Nos itens 57 e 59 a referência à família também está presente.

As questões 58 e 60 indicam a possibilidade de conflito existente com relação ao sexo masculino, pois “**ser mulher é difícil**” e “**necessito de mais paz**” são indicativos de que está se sentindo desconfortável em sua casa, uma vez que os cunhados estão invadindo seu espaço. Tais afirmações podem confirmar a hipótese levantada anteriormente.

UNIDADE DE ANÁLISE SETE:

61. Meu maior prazer

ser mãe.

62. Detesto

música alta.

63. Quando estou sozinho (a)

sinto-me bem.

64. Estou melhor

o lado de minha família.

65. Sinto-me deprimido quando

chove.

66. A profissão

amo a que faço.

67. Meus amigos

muito importante.

68. Se as mulheres

amassem mais o mundo seria diferente, principalmente as mães.

Na questão 61, “**meu maior prazer ser mãe**” reforça a hipótese presente em toda análise de que a maternidade possui mais aspectos positivos que negativos na subjetividade da entrevistada. A questão 65 “**estou melhor o lado de minha família**” reforça também a hipótese de que a família de origem, bem como a família constituída com o casamento, são fundamentalmente importantes. No entanto, na questão 68, “**se as mulheres amassem mais o mundo seria diferente, principalmente as mães**” pode indicar certa desrealização com relação às funções que ela exerce.

Nas questões 62 e 63 existem indicativos de que a presença dos cunhados (irmãos do marido) na casa interfere na dinâmica: “**quando estou sozinha sinto-me bem**”.

“**A profissão amo a que faço**” é mais um indicativo de que o trabalho tem um aspecto positivo e com boas expectativas com relação a este representando uma fonte de gratificação e prazer, confirmando hipótese levantada anteriormente.

UNIDADE DE ANÁLISE OITO:

1.Quais são as 3 maiores alegrias e as 3 maiores tristezas de sua vida?

Podem ser quatro alegrias, o nascimento de meus quatro filhos Natanael, Gabriel, e os gêmeos Daniel e Rafael.

As três maiores tristezas, a morte de duas pessoas queridas, minha avó e de meu primo do lado materno, a terceira foi o aborto do meu primeiro filho.

2. As coisas que mais me agradam

Divertir-me com minha família, em minha terra natal, sair para dançar.

3.As coisas que não gosto

Inveja e dias chuvosos.

4.Meus maiores temores na vida são

A morte , a fome e a violência.

5. Meus maiores desejos são

Ter vida longa para ver meus filhos encaminhados na vida.

As respostas às perguntas anteriores podem confirmar a hipótese de que o sujeito da pesquisa apresenta uma realização com a maternidade, haja vista que ela relata que os nascimentos de seus filhos representam as quatro maiores alegrias em sua vida (questão 1). Seu maior desejo é ter vida longa para acompanhar o desenvolvimento/crescimento dos filhos (questão 5). A questão cinco correlaciona-se com a questão quatro, onde a entrevistada atribui como seu maior temor à morte. Pode-se inferir que esta mãe preocupa-se com os filhos por temer a morte (o aborto espontâneo que sofreu representa também a morte), a fome a violência. Outra inferência possível está relacionada com a importância que sua família e sua família de origem ocupam em sua vida, pois ela relaciona como o que mais a agrada “*divertir-me com minha família, em minha terra natal*” (local onde toda família de origem reside).

4.1 - NÚCLEOS TEMÁTICOS

A entrevistada apresenta uma imagem positiva da maternidade na medida em que atribui ao nascimento dos filhos aspectos como união (*“ele levanta no meio da noite para cuidar dos bebês se estou dormindo”*), crescimento, alegria, prazer, dedicação (questões 1 e 2 - resposta e 25, 27, 38, 62, 55 e 62 - complemento).

Ela relata que o casal aprendeu a compartilhar mais, e que foram obrigados a crescer porque agora era tudo em dobro (relacionando-se aos gêmeos). Se já tinham os maiores, agora a responsabilidade era maior. Ao término da sessão ela disse: *“agora nós crescemos porque é muito filho, então tenho que trabalhar, para encaminhá-los no futuro”*. Outro ponto a ser destacado nas significações desta mãe, está relacionado aos sentidos atribuídos à morte, que é temida por ela, por não saber quem cuidará de seus filhos (reforça a hipótese de conflito na relação conjugal, o pai não sabe como cuidar dos filhos). O aborto espontâneo que sofreu de seu primeiro filho há mais de onze anos, está presente em seu relato: *“as mulheres perdem o direito de morrer depois que se tornam mães”* dá a entender um imaginário de impotência (questões 1 e 4 - resposta e 5 - complemento).

No entanto, outra significação percebida em seu cenário configuracional subjetivo destaca-se quando ela relata o desejo de ser feliz, e que sente que não é ouvida, e ainda que é difícil ser mulher. Isso pode representar significações associadas a dificuldades sentidas pela entrevistada em mudar seu meio, e pela sensação de impotência que sente em não poder realizar tais mudanças (questões 06, 16, 17, 18, 21, 23 e 29). Possivelmente tal situação causa-lhe desgastes emocionais e físicos, que são indicados nas questões 22, 23, 61, e 64.

“Eu prefiro dormir” remete à sensação de impotência por ela mencionada, e pelo fato de se sentir sobrecarregada com dois bebês, o que por vezes exige, ao mesmo tempo, uma jornada de trabalho de 40 horas semanais, afazeres domésticos e a especialização que cursa.

O trabalho tem uma configuração subjetiva relacionada ao sucesso, prazer, relata que está batalhando para isso. Mesmo com os gêmeos pequenos ela está fazendo uma especialização para que assim, possa receber promoção e receba um aumento salarial. O trabalho apresenta-se ainda como uma fonte de realizações. No entanto, ela relata ter dificuldades financeiras. (questões 3, 11, 40, 48 e 67).

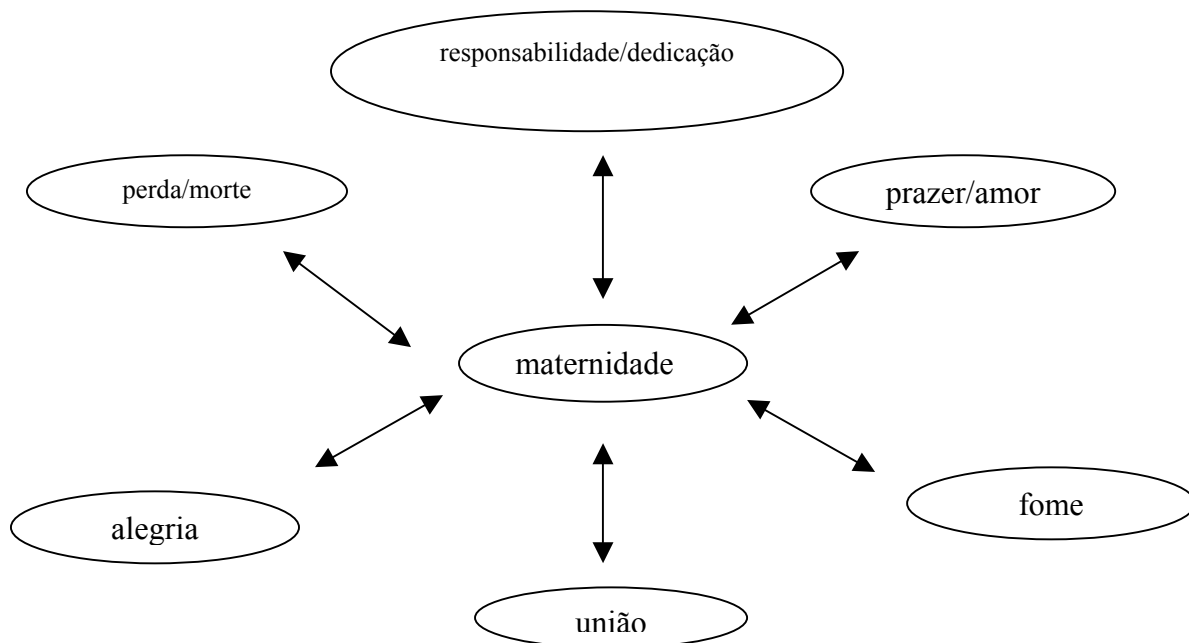
Com relação ao matrimônio, a configuração de sentidos da entrevistada dá indícios de que esta área pode representar conflito, uma vez que, em conversas informais,

relatou que o casal não compartilhava as responsabilidades e afazeres domésticos. Isso só foi parcialmente possível com a chegada dos filhos gêmeos. Tal constatação pode ser ilustrada com as afirmações **o casamento** “*um passo importante para complementar*” e **com frequência reflito** “*sobre a vida que levo*” (questões 13- 23). Ao ligar para marcar o “retorno”, a entrevistada disse “*eu acho que não respondi bem uma questão sobre o casamento*”, fato esse que pode indicar que a pessoa ficou refletindo a respeito do tema após o termino da entrevista, apresentando a seguir uma necessidade de fala/escuta.

Outros sentidos e/ou significações importantes verificados na análise deste instrumento é a importância que a família de origem tem na vida da entrevistada (questões 8, 53, 54, 58 e 60): **quando tenho dúvidas** “*ligo para minha mãe*” e **sofro** “*por morar longe de meus entes queridos*”. Ela relatou, informalmente, que mora longe de sua família há 12 anos e que isso, para ela, é muito ruim. Em Brasília tem apenas duas amigas, não tem a quem recorrer, só a mãe, por telefone. Tal realidade causa-lhe sofrimento.

5 - CONFIGURAÇÕES DO CENÁRIO SUBJETIVO DO CASO APRESENTADO

5.1 - CONFIGURAÇÃO DE CENÁRIO SUBJETIVO RELACIONADO À MATERNIDADE



Esta configuração nos indica que a entrevistada possui uma identificação positiva com relação à maternidade, pois demonstra em sua fala projeção para o futuro, tendências motivacionais com relação a sua vida e com relação à educação de seus filhos.

Alegria/prazer: “*Podem ser quatro alegrias, o nascimento de meus quatro filhos Natanael, Gabriel, e os gêmeos Daniel e Rafael.*” (questões 1 e 2 - resposta e 27, 38 e 62 - complemento).

União: Durante uma conversa informal a entrevistada relatou que, após o nascimento dos gêmeos, ela e o marido estão mais unidos, compartilhando os afazeres, as responsabilidades com as crianças, e antes não eram assim: “*ele levanta no meio da noite para cuidar dos bebês se estou dormindo*”.

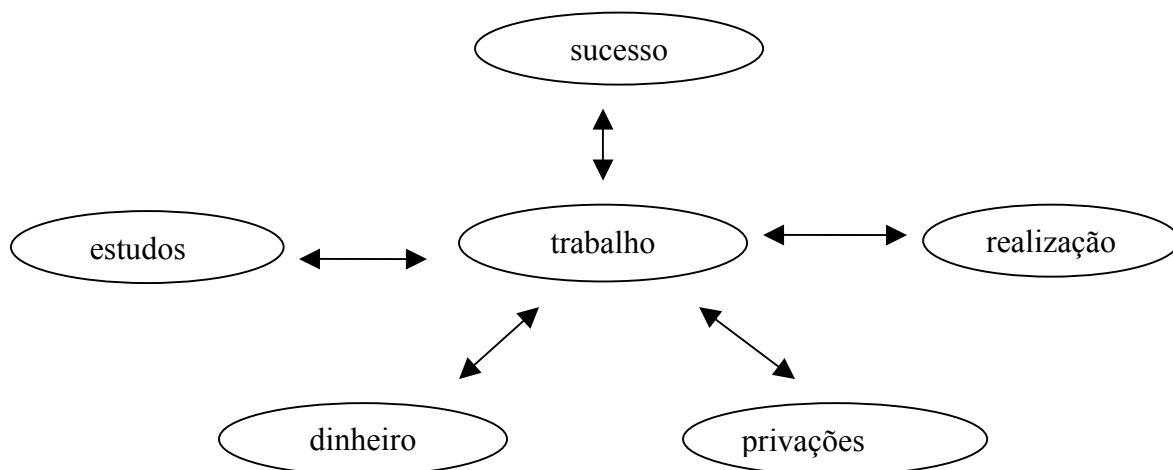
Dedicação: Ela relata dedicar a maior parte de seu tempo livre (quando não está no trabalho) aos filhos. “**Ter filhos sem palavras**” porque filho representa muito, é amor dedicação... (questões 25 e 27). A entrevista foi realizada em sua residência e, desta forma, foi possível perceber a afetividade e a qualidade da inter-relação, da entrevistada com seus filhos, brincando e se comunicando de uma forma carinhosa.

Amor: “*As mães devem amar mais o mundo*” (questões 20 e 69). Como já foi dito anteriormente ela demonstra afetividade e carinho ao falar do nascimento dos filhos. Por isso é possível inferir que as crianças representam muito para a entrevistada.

Fome: Representada como o maior temor e preocupação principal. Tem dificuldades em administrar o dinheiro, que é representado também como o principal problema (questões 4 - resposta e 15, 40 e 48 - complemento).

Perda/morte: Este sentido está relacionado ao aborto espontâneo que sofreu de seu primeiro filho há mais de onze anos, pois relata que ainda pensa nele como um filho perdido, lhe deu um nome e tudo. Outro fator presente está relacionado ao medo de sua própria morte “*as mulheres perdem o direito de morrer depois que se tornam mães*”. Teme que isso ocorra com ela e preocupa-se com quem cuidará de seus filhos (questões 1 e 4 - resposta e 5 - complemento).

5.2 - CONFIGURAÇÃO DE CENÁRIO SUBJETIVO RELACIONADO À PROFISSÃO/ TRABALHO

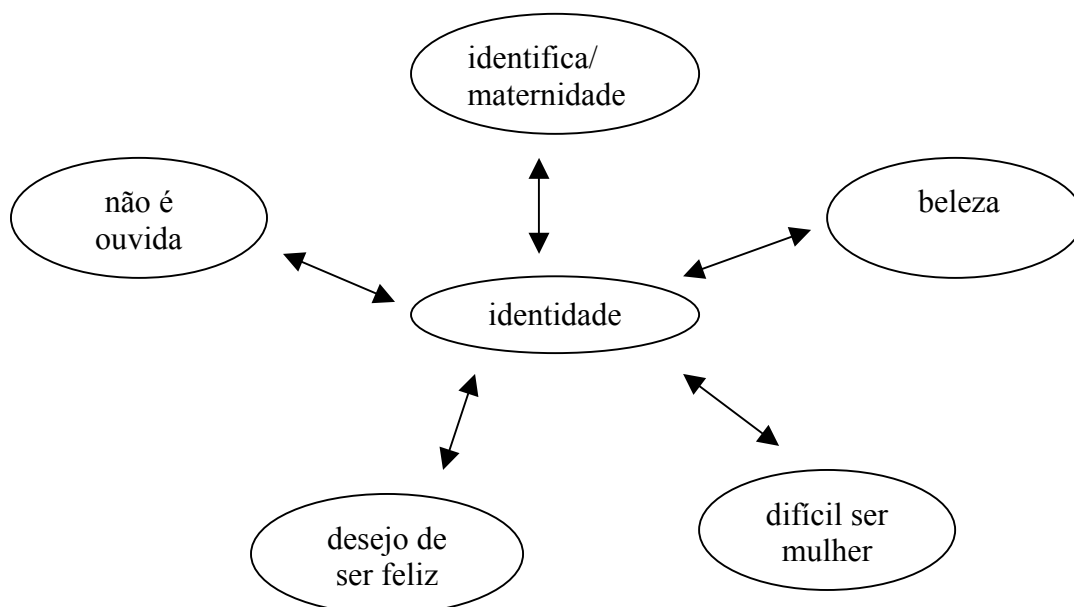


A configuração subjetiva relacionada ao trabalho apresenta-se estruturada de forma que o sucesso depende deste. A entrevistada está batalhando para isso de forma que, mesmo com os gêmeos pequenos, ela está fazendo uma especialização que possibilitará que receba um aumento salarial. O trabalho apresenta-se ainda como uma fonte de realizações, partindo do pressuposto que ela relata amar o que faz e possui perspectivas de futuro relacionada a sua ocupação. No entanto, ela afirma ter dificuldades financeiras.

Sucesso: *“trabalhar com o que dá prazer, amar o que faz, maravilhoso entrar na sala de aula”*. O sucesso relaciona-se a seu desempenho e esforços pessoais, como por exemplo, fazer uma especialização em psicopedagogia, mesmo com os filhos pequenos (5 meses) *“fracassei a não ser aprovada no vestibular pela primeira vez”* (questões 9, 10, 11, 19 e 67).

Privações: Apesar de representar o sucesso, de ser fonte de prazer e realizações, o trabalho possui sentido de privação financeira. No entanto, o retorno econômico/financeiro está, por ela, situado em sua configuração subjetiva em nível inferior ao prazer que este proporciona. Por isso, a entrevistada está estudando na tentativa de mudar esta situação (questões 3, 11, 40, 48 e 67).

5.3 - CONFIGURAÇÃO DE CENÁRIO SUBJETIVO RELACIONADO À IDENTIDADE / GÊNERO



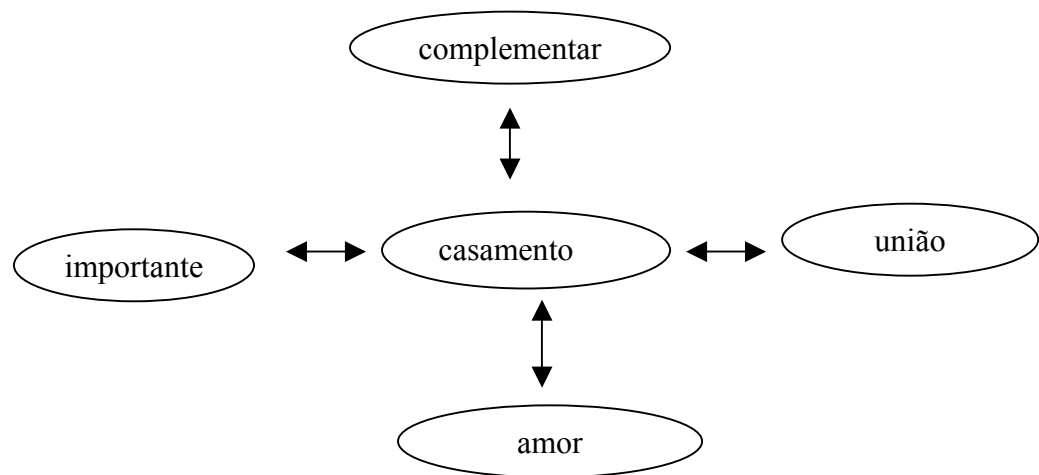
A configuração da entrevistada sobre si mesma destaca-se por identificação com a maternidade e pela sua percepção de que as mulheres lindas em todas as fases. No entanto, ela demonstra o desejo de ser feliz, não se sente ouvida e diz que ser mulher é difícil.

Identificação com a maternidade: seu maior prazer é ser mãe e, ainda que a maternidade seja fonte de prazer, união, alegria e dedicação, “*podem ser quatro alegrias, o nascimento de meus quatro filhos Natanael, Gabriel, e os gêmeos Daniel e Rafael.*” (questões 1 e 2 - resposta e 25, 27, 38, 62, 55 e 62 - complemento).

Informalmente, a entrevistada relatou que, após o nascimento dos gêmeos, ela e o marido estão mais unidos, compartilhando os afazeres e as responsabilidades com as crianças; antes não eram assim: “*ele levanta no meio da noite para cuidar dos bebês se estou dormindo*”.

No entanto, ela relata que deseja ser feliz, que sente que não é ouvida e, ainda, que é difícil ser mulher. Representa significações associadas a dificuldades de mudar seu meio, por ela relatada, e pela sensação de impotência que ela sente em não poder mudar, o que lhe causa desgaste emocional e físico. (questões 06, 16, 17, 18, 21, 23 e 29).

5.4 - CONFIGURAÇÃO DO CENÁRIO SUBJETIVO RELACIONADO AO CASAMENTO



6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, consideramos que para o sujeito pesquisado, os contextos sociais, culturais e familiar (ela possui uma ligação muito afetiva e de apoio nas figuras de sua mãe e de sua avó materna), exerceram influência para o desenvolvimento de sua subjetividade individual, bem como para a sua configuração subjetiva enquanto mãe, estudante e trabalhadora.

A entrevistada desenvolveu uma imagem positiva de si-mesma, pois possui identificação com seu gênero, apesar de sentir que é difícil ser mulher na sociedade atual, que é predominantemente machista. Isto, por sua vez nos remete ao matrimônio possível fonte de conflitos emocionais, já que relata sentidos relativos ao não compartilhamento de responsabilidades e afazeres domésticos e por citar o marido ou o casamento apenas em duas perguntas no curso do instrumento, pelo fato de que existia abertura para que ela se posicionasse produzindo sentidos subjetivos a respeito de seu relacionamento no decorrer de suas respostas. Consoante a isso, González Rey apud Mitjáns & Simão (2004, p. 10) afirma que *“o outro é significativo no desenvolvimento da pessoa somente quando se converte em um sentido subjetivo, de que está sempre associado a emocionalidade.”*

Ela vê na maternidade possibilidade de crescimento enquanto pessoa e família. Demonstra possuir projeção para o futuro, tendências motivacionais com relação à sua vida e com relação à educação de seus filhos. Outro aspecto a ser considerado diz respeito à sua família de origem, pois a entrevistada atribui sentidos significativos a eles pelo fato de senti-los como uma fonte de apoio e suporte emocional nos momentos de dificuldade. Uma questão que é também causa de sofrimento, por residirem em outro Estado.

Por isso, é possível crer que *“O outro deve ser um outro portador de sentido subjetivo para atuar como figura significativa para o desenvolvimento, mesmo que esse sentido possa se expressar tanto em prol do desenvolvimento, quanto em prol do caráter patológico desse processo”* (González Rey apud Mitjáns & Simão 2004, p. 8). Então, é possível identificar que a família original pode desempenhar um papel significativo de forma positiva em seu desenvolvimento pelo fato de ser o apoio nos momentos de dificuldades por ela vividas. Assim sendo, é provável que ela esteja desenvolvendo uma boa maternagem em relação a seus filhos, pois apesar de manter uma considerável carga de horário de trabalho e de estudos ao dia ela reserva parte de seu dia para se dedicar aos cuidados dos filhos.

No caso estudado, o trabalho tem uma configuração subjetiva relacionada ao sucesso, prazer, fonte de realizações e de dificuldades financeiras, representando um meio de levar a entrevistada a produzir sentidos e significações relativas a si mesma e a sua função enquanto mãe e sujeito que produz, sendo, desta forma, uma via de elaboradora de emocionalidade e conseqüentemente saúde.

Ao se considerar o processo de co-construção entre pesquisador e pesquisado, é possível deduzir que as sessões em que foram respondidos, analisados e discutidos os instrumentos, enquanto vias geradoras de sentidos subjetivos, e deste modo, pode ter representado para a mãe entrevistada um elemento que a levou a pensar e a se posicionar frente a questões que a caracterizam como mãe, mulher, trabalhadora, filha.

Com essas considerações, é possível parafrasear González Rey (2004) apud Mitjáns & Simão (2004, p. 04) no que diz respeito às relações humanas, por situarem-se como expressões emocionais, fundamentais para o desenvolvimento da criança, representando desta forma, um momento de produção emocional da pessoa, decorrentes de uma interação relacional, não dependendo apenas de expressões simbólicas e comportamentais.

Penso que a metodologia utilizada no transcorrer de tal monografia configurou uma possibilidade para desenvolver o pensamento e a construção da informação, posto que levou-me a questionar a pensar e a repensar a respeito da temática estudada e conseqüentemente nas possíveis configurações subjetivas e sentidos do caso apresentado, proporcionando assim, uma via de tensão e edificação do conhecimento. Para finalizar é possível sintetizar na fala de González Rey (2004, p. 84) um dos vieses que conduziram o desenvolvimento do presente trabalho. *“A qualidade das emoções e sua significação, para o desenvolvimento humano, são um grande desafio para a construção do conhecimento”*.

ANEXOS

ANEXO I

INSTRUMENTOS- COMPLEMENTO DE FRASES

RESPONDA

1. Quais são as 3 maiores alegrias e as 3 maiores tristezas de sua vida?-

2. As coisas que mais me agradam.

3. As coisas que não gosto.

4. Meus maiores temores na vida são:

5. Meus maiores desejos são:

Complete as frases:

1Eu gosto

3. O tempo mais feliz

4. Gostaria de saber

5. Lamento

6. Meu maior medo

7. As mulheres

8. Não posso

9. Sofro

10. Fracassei

11. O sucesso

12. Meu futuro

13. Se os homens

14. O casamento

15. Este lugar

16. Minha preocupação principal

17. Desejo

18. Secretamente eu

19. Meu maior problema

20. O trabalho

21. Amo

22. Em relação aos afazeres domésticos, cabe a mim

23. Eu prefiro

24. Meu principal problema

25. Gostaria

26. Acredito que minhas melhores atitudes

27. A felicidade

28. Ser pai

29. Considero que posso

30. Diariamente me esforço

31. Sinto dificuldade

32. Ser homem

33. Sempre quis

34. Eu gosto muito

35. Luto

36. Com frequência sinto

37. O passado

38. Ser mãe

39. Minha vida futura

40. Farei o possível para conseguir

41. Com frequência reflito

42. Esperam que eu

43. Dedico a maior parte do meu tempo

44. Sempre que posso

45. Ter filhos

46. As contradições

47. Minha opinião

48. Penso que os outros

49. O lar

50. Me incomoda

51. Ao me deitar

52. Os homens

53. As pessoas

54. Uma mãe

55. Sinto

56. Os filhos

57. Quando era criança

58. Quando tenho dúvidas

59. Ser mulher

60. No futuro

61. Necessito

62. Meu maior prazer

63. Detesto

64. Quando estou sozinho (a)

65. Estou melhor

66. Me sinto deprimido quando

67. A profissão

68. Meus amigos

69. Se as mulheres

APÊNDICES

CARTA CONVITE

Prezado Participante,

Gostaria de convidá-lo (a) a participar de um estudo conduzido como parte da monografia de conclusão do curso de Psicologia do UniCeub, pela estudante Fernanda Paulo de Castro Barbosa, orientada pelo Professor / orientador e Psicólogo Fernando Rey.

Nesse estudo, estarei estudando os aspectos relacionais entre mãe e filho e os possíveis fatores que colaboram para seu desenvolvimento.

Sua participação será totalmente voluntária. Caso aceite participar desse estudo, será pedido a você que fale sobre suas experiências, sobre família, medos, alegrias etc. Além disso, me predisponho a dar um suporte psicológico aos participantes desse estudo, que será supervisionado pelo profissional supra citado.

Você não precisará dar informações que não queira e poderá interromper sua participação a qualquer momento. Garanto que todas as informações que possam identificá-lo (a) serão omitidas. Sua experiência pessoal será de extrema importância para esse estudo. A partir dele terei meios para analisar e enfatizar a relevância do apoio psicológico a mães e aos filhos no curso do desenvolvimento.

Desde já agradeço sua valorosa atenção e colaboração.

.....
Fernanda Castro Barbosa

CONSENTIMENTO

Compreendo o objetivo desse estudo, como também o que é esperado por mim como participante.

Entendo que as informações por mim fornecidas serão totalmente confidenciais. Entendo também que a qualquer momento posso me retirar desse estudo.

Tendo em vista as declarações acima, concordo participar desse estudo.

Nome.....

Assinatura.....

Brasília, ____ de _____ em 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARPAK N, FIGUEROA Z & HAMEL A. (1997) El Método canguro. Colombia Bogotá: Ed. Interamericana-McGraw-Hill.

GONZÁLEZ Rey, F. L. (2002) Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Ed. Thomson Learning.

_____. (2003) Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Ed. Thomson Learning.

_____. (2004) Personalidade, Saúde e modo de Vida. São Paulo: Ed. Thomson Learning.

_____. (2004) O social na Psicologia e a Psicologia Social a emergência do sujeito. Petrópolis RJ: Ed. Vozes.

GOLSE, Bernard. (2003). Sobre a Psicoterapia Pais-Bebê: Narratividade, Filiação e Transmissão. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo. Coleção Primeira infância.

_____. (1998) O desenvolvimento afetivo e intelectual da Criança. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul LTDA

GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs) (1995) Textos em representações sociais. Petrópolis RJ: Ed. Vozes.

JODELET, Denise (org.) (2001) As representações sociais. Rio de Janeiro RJ: EdUERJ.

McNAMEE, Sheila e GERGEN, Kenneth. A terapia como construção social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

MITJÁNS, A. Martinez & MATHIAS, L. Simão, (orgs.) (2004) O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

MOSCOVICI, Serge (2003) Representações Sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis RJ: Ed. Vozes.

MOLON, Susana Inês (1999) Subjetividade e constituição do Sujeito em Vygotsky. São Paulo: EDUC.

NEUBERN, Maurício S. (2004) Complexidade e Psicologia Clínica Desafios Epistemológicos. Brasília: Ed. Plano.

WINNICOTT, Donald Woods. (1982). O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.

_____. (1999) Os bebês e suas mães. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

_____. (1993) A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Ed. Artes Médicas.

_____. (1999) Tudo começa em casa. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

_____. (1982) A criança e seu mundo Rio de Janeiro: Ed. LTC Livros Técnicos e Científicos S.A.

ROTTER Julian B. (1967). Curso de Psicologia Moderna. Psicologia clínica Rio de Janeiro: Ed. Zahar.

SOARES, Neusa Eiras. O conceito de representação social em Durkheim, Weber, Bourdieu e Moscovici. Arquivos brasileiros de psicologia. V. 47, n.3, Abril.

TAVARES MUSA, Luis A. Método Canguru. Site: <http://www.aleitamento.com>

